



Cultive o seu dia de
forma sustentável!



ON, O SEU EDITORIAL DE SUSTENTABILIDADE COM FOCO NOS ORGÂNICOS

ESPÍRITO DE LEGADO COLETIVO

O céu azul da liderança ativista do Brasil

JOÃO PAULO PACÍFICO

A frente do Grupo Gaia,
fundado em 2009,
ele vem ressignificando
o conceito de sucesso
no mercado financeiro.



+ LÍDERES ATIVISTAS

**FRANCISCO
SAMONEK**

Educador, mestre em Ecologia e Manejo de Recursos Naturais pela Universidade Federal do Acre, Francisco tem um Legado de Impacto na Amazônia brasileira.

**MARCIO
CAMARGO**

Revolução Agro - O químico que está formulando inovação com tecnologia a partir da leitura correta do solo

**MAURI JOAQUIM
E ZUNDI
MURAKAMI**

Os produtores orgânicos e biodinâmicos brasileiros que lideram pelo exemplo em plena São Paulo rural

ISMAEL SAVINO

O jovem empreendedor que conecta marcas orgânicas, fortalecendo a economia do Brasil



Mensagem editorial

Por Kátia Bagnarelli

Produzir essa edição foi um grande desafio. Conduzir estes líderes ativistas a suas narrativas autobiográficas foi estimulante e inspirador rumo ao Brasil que, de fato, queremos para todos.

Se até aqui eles eram anônimos para você, caro leitor, prepare-se pois sua trajetória a partir de agora se misturará a deles e nós, na redação deste editorial, desejamos que sua leitura seja tão proveitosa e impactante quanto foi para nós construir essas páginas.

Desejamos que você mude.

E que a sua mudança seja melhor para você e para o ambiente ao qual pertence.

Que após a leitura você vá em frente e se torne o líder que o mundo precisa que você seja! Saúde!!

03 Francisco Samonek,

Educador, mestre em Ecologia e Manejo de Recursos Naturais pela Universidade Federal do Acre, Francisco tem um Legado de Impacto na Amazônia brasileira

14 João Paulo Pacífico

A frente do Grupo Gaia, fundado em 2009, ele vem ressignificando o conceito de sucesso no mercado financeiro

28 Ismael Savino

O jovem empreendedor que conecta marcas orgânicas, fortalecendo a economia do Brasil

39 Mauri Joaquim e Zundi Murakami

Os produtores orgânicos e biodinâmicos brasileiros que lideram pelo exemplo em plena São Paulo rural

50 Marcio Camargo

Revolução Agro - O químico que está formulando inovação com tecnologia a partir da leitura correta do solo

FRANCISCO SAMONEK

UMA HISTÓRIA DE VIDA POR OUTRAS VIDAS

Exclusivo por Kátia Bagnarelli - Fotos Samonek e equipe

O nosso entrevistado chegou até a pauta da redação através de uma apresentação intermediada por Alexandre Harkaly, CEO da maior certificadora de orgânicos da América Latina, a IBD. A recomendação era a de que deveríamos abrir espaço para ouvir uma das mais importantes vozes da Amazônia e que o resultado desse encontro seria surpreendente.

Foi num final de tarde de segunda-feira que tive o privilégio de ouvir por duas horas ininterruptas, o Francisco. Ele me recepcionou logo dizendo, *“É uma história de vida. Começo assim porque foi uma opção que nós fizemos, porque somos instigados, a vida da gente é feita, não por aquele caminho que você quer trilhar e sim o caminho que se apresenta para você.”*

Compreendi perfeitamente que este seria o fio condutor para tudo o que se apresenta aqui, a você leitor, que, certamente, tentará não ser mais o mesmo após essa matéria. Aproveite sem moderação. Francisco Samonek, educador e empreendedor social ativista na Amazônia brasileira, é fundador do Polo Probio, uma instituição que trabalha na área ambiental com ações que aliam desenvolvimento comunitário, inovação e cultura.

EXCLUSIVO

O objetivo do Polo é fortalecer as comunidades tradicionais e indígenas, dando acesso à tecnologia. Os produtores, uma vez empoderados, podem empreender e fabricar produtos com maior valor agregado, competitivos no mercado. As comunidades produzem e criam então as suas próprias peças, ao invés de vender matéria-prima para a indústria. Para ele a Amazônia, fonte de infinitas riquezas, doa sua beleza gentilmente a quem sabe aproveitá-la com respeito. E quando se une o conhecimento ancestral das comunidades indígenas, o saber dos antigos seringueiros e a ciência, o resultado é tanto inspirador quanto transformador.

Fundador da marca SERINGÔ, a partir da mistura do látex com fibras vegetais, Samonek explica que o material foi desenvolvido através da união das pesquisas acadêmicas com o forte conhecimento da tradição dos povos amazônicos.

Os experimentos com o material iniciaram há mais de duas décadas, no Acre. O resultado foi a criação de uma linha de produtos diversificada, com design moderno, sofisticado, que inclui calçados, jogos americanos belíssimos e *sousplats*. Eles são inspirados nos formatos únicos e nas texturas e cores das folhas da Floresta. A folha Capeba, a Vitória-Régia e a Apuí, são alguns exemplos das folhas utilizadas no design dos produtos. O grande diferencial dessas peças é a tecnologia social aplicada a elas. O processo industrial, agressivo, cheio de componentes químicos, de maquinários nocivos à Floresta, foi transformado em um processo artesanal de manuseio do látex, dispensando até energia elétrica, máquinas ou estufas. Os recursos naturais, no Polo Probio, são utilizados de forma respeitosa, consciente e traçam uma relação de troca com a natureza, sem destruição.

Levando o Brasil por onde vai, Francisco traz um semblante forte, autêntico e é firme em sua fala, é ele quem narra a seguir sua própria história de vida, alicerçada sempre pelo benefício a outras vidas na Floresta.



Francisco na Floresta



Francisco e Zélia em visita a designer Licia Abraham em Belém /PA



Francisco e sua felicidade na produção de cada peça sustentável

Minha história

FEITA DE SONHOS E HISTÓRIAS REAIS DO POVO
DA FLORESTA



Finalização do curso de qualificação profissional na Vila Franca, RESEX Tapajós, Arapiuns em Santarém

“Vou contar um pouco dos meados da minha vida, onde sonhava em ser rico porque sempre fui uma pessoa de origem humilde na pequena agricultura familiar no interior do Paraná.

Quando a gente conquista um espaço melhor sempre sonha ter algo maior, mas lutando...

Surgiu uma oportunidade na década de 80 para eu vir para a Amazônia para plantar seringueira, que era o melhor projeto nacional com o maior recurso governamental

envolvendo a região.

As terras na Amazônia eram bastante baratas na época, e portanto vendendo um pedacinho de terra no Paraná iria comprar um caminhão de terra aqui na Amazônia. Foi o que fiz. Fui então para o interior do Acre, no município de Tauaracá, comecei minha vida na Amazônia por lá. Não havia estrada para chegar, 80% da população de Tarauacá não conhecia Rio Branco, a capital, porque a população é paupérrima. 15 mil habitantes no município, 6 mil na cidade e 9 mil no Seringal.

A maior parte era seringueiro que produzia borracha naquele sistema tradicional ainda, 70 ou 80 quilos de borracha.

E tudo isso vinha de balsa pelos rios, saindo lá da cabeceira do Peru onde aquela enxurrada de água trazia o balseiro de borracha para a cidade. Chegando lá me instalei comprando a terra, fiz todo aquele projeto inicial encaminhando para captação de recursos com o banco que simplesmente olhou para mim e disse que infelizmente o

programa estava acabando, eu havia pego a última programação e não saíram mais financiamentos. Vivíamos uma transição de governo.

Naquele momento eu já estava lá, já havia investido todo meu dinheiro e não haveria retorno se eu quisesse vender o que já tinha comprado. Então lá fiquei. Sou formado em letras, resolvi escolher ser professor, eu era o único com licenciatura plena na região.

Fui convidado para conversar com o governador numa das passagens dele pela cidade, que disse que gostaria de me contratar como professor no dia seguinte aquela conversa.

O que foi uma honra. Cheguei na escola, a diretora logo me convidou a fazer parte da chapa eletiva ao lado dela para concorrer a direção, porque isso nos fortaleceria.

Fizemos então um acordo que nos dias em que eu estivesse no seringal ela seria minha substituta em sala de aula, desta forma continuei meu trabalho no propósito inicial. Em contrapartida eu a ajudava na gestão da escola, atualizando certificados. Meu segundo ato foi colaborar para o reconhecimento da escola pelo Conselho Estadual de Educação, pois era uma escola de ensino médio, a única no município. Conquistamos um muro para a segurança da escola que ainda não existia quando chegamos lá.

Me aposentei como professor de ensino na Secretaria de Educação do Acre pelo ensino médio, e percebi que ao não

conseguir plantar seringueira poderia ir para o lado da borracha nativa, comecei então a ajudar os seringueiros.

Montamos uma Cooperativa.

Em 1986 com o plano cruzado, quebramos. Quando saímos do plano cruzado cheios de problemas, com tudo congelado e com financiamento no banco, eu tinha dez toneladas de borracha e precisava ter trinta para pagar o financiamento porque o valor da borracha estava congelado e o juros correndo.

Nos reunimos então na Cooperativa e fui defender os produtores. Consegui convencer o banco a renegociar essa dívida de todos eles. Conseguimos mais recursos para que ninguém vendesse a borracha a preço inferior e ao mesmo tempo busquei criar a oportunidade de estruturar uma Usina de borracha para o município.

Fui bater nas portas de Brasília para buscar recursos para a Cooperativa financiar a Usina.

Conseguimos.

Passamos a produzir cem toneladas de borracha para a Pirelli somente em nosso município, o que foi um incremento de renda para a cidade. Aprendi tudo sobre a borracha e sobre o seringueiro nessa época. Nos recuperamos do plano cruzado. Em 89 veio o presidente Collor e deu uma canetada fechando toda a política de governo que existia desde 67.

Extinguiu tudo o que favorecia o mercado da borracha. Extinguiu o PROBOR que era o financiamento de plantio de seringueira no Brasil, extinguiu a TORMB que é a taxa de organização e regulamentação do mercado da borracha. Com isso se fecharam os escritórios e os abastecimentos para os seringais foram suspensos. Todos os funcionários do governo no setor foram remanejados para o Ibama, que foi criado com a reestruturação.

Todos então saíram do litoral e foram para o nordeste, a fim de cuidar dos projetos ambientais.

Ficamos abandonados.

De 87 a 89 tínhamos muito recurso e de repente tudo acabou. Junto foi embora a área de saúde de todas as comunidades ribeirinhas incluindo o professor rural que também era financiado pelo processo extinto.

Para termos uma ideia, eram nove mil na área rural, nos anos seguintes entre 91 e 92 esse público todo foi para a periferia da cidade porque não tinha recursos para matar a fome no interior. Na cidade havia alternativas e colaboração.

A lógica populacional se inverte, quatro ou cinco mil no interior para 10 mil habitantes na cidade. Todos os municípios da Amazônia passaram por essa forte migração para os centros urbanos.

A terra ficou abandonada, os índios das cabeceiras do rio, no ciclo da borracha, voltaram em direção a cidade ocupando novamente suas terras indígenas.

Essa foi minha história vivenciada.



Com os pais Helena e João em Rio Azulem em 1996



Recebendo o prêmio FINEP das mãos do ministro da Ciência e Tecnologia Sergio Rezende em 2007



Conselho de adm. da OCB com presidente Dejandir DalPasquale em 1999

Em 89 houve a minha segunda queda ou quebra como costumamos dizer. Me afastei da Cooperativa por falta de condições. Fiquei quatro anos fora da Amazônia, fui para o Sul para aprender mais sobre a borracha, incluindo passagem pelo noroeste do estado de São Paulo.

Fui estudar sobre calçados no Brasil.

Em 94 voltei para o Acre e nessa volta constituí uma nova Cooperativa, a COOPERECO, Cooperativa de produção dos Eco Extrativistas da Amazônia, na capital Rio Branco.

1994

Montamos uma outra Usina de borracha, voltada para calçado. Planejando trabalhar o tecido emborrachado que estava muito em voga por conta da Eco Rio em 92, me propus então a ajudar a resolver os problemas que a borracha apresentava em relação a qualidade dos produtos que estavam sendo criados em 94.

A VOLTA PARA O ACRE

Naquele momento estava passando por uma fase pessoal de separação, minha família havia ficado no Sul, vim sozinho para o Acre de volta.

Entretanto não quiseram minha ajuda.

Disse a eles que teriam um concorrente a partir dali. Eles estavam com problemas no couro vegetal e eu disse que criaria um couro vegetal sem problemas abrindo a concorrência de mercado.

O INÍCIO DA TECNOLOGIA SOCIAL

Criei então um tecido emborrachado que era o couro ecológico. Foi o primeiro produto onde desenvolvi uma tecnologia social. Precisava entregar qualidade a esse látex para poder emborrachar os tecidos, desconstruí então o processo de vulcanização industrial, que é um processo feito com máquinas na indústria e transformei num processo artesanal para que os seringueiros pudessem ter acesso. Refiz o processo completamente artesanal.

Construí um insumo vulcanizante líquido em que o seringueiro tem acesso através de uma garrafinha - e até hoje eles chamam de *garrafinha do Samonek*, o seringueiro derrama essa garrafinha no leite que ele colhe da seringueira durante a colheita diária, vulcanizando esse látex, mantendo-o líquido para emborrachar o tecido. Primeiro só se pensava em tecido. Em 99 eu já estava bem consolidado, era presidente da Associação das Cooperativas no estado do Acre, era membro do Conselho de administração da OCB em Brasília representando a Amazônia.

Há uma frente popular no Acre onde os partidos de esquerda se uniram em 1999 e ganharam a eleição assumindo o governo naqueles anos.

Baseados no trabalho que eu estava desenvolvendo com a borracha, criaram a lei Chico Mendes se apropriando do legado de Chico. Tive dois encontros com Chico Mendes antes dele morrer, e eu tinha feito um acordo com ele que eu seria o elo que cuidaria do Cooperativismo e da Produção e ele seria o elo sindicalista para a articulação política do movimento.

Foi muito legal para nós dois essa conversa.

A morte dele me deixou muito triste em 88, foi uma grande perda.

Eu não tinha como liderar o movimento político do seringueiro.

MEU REFÚGIO EM 99

Em 99 a frente popular se apropria e acaba com tudo, cria uma política protecionista no estado para eles se retroalimentarem. Mataram as Cooperativas, criaram uma central no governo com recurso do governo.

Fomos escanteados e não podíamos concorrer.

Fiquei na clandestinidade durante dez anos até que consegui me aposentar fazendo pesquisa. Tive que me refugiar para não ser demitido ou realocado longe do movimento.

VOLTEI A ESTUDAR

Fiz especialização em projetos sociais, fiz um mestrado em agroecologia e manejo de recursos naturais.

Fiz a defesa de meu doutorado dentro do setor da borracha, que é o quero deixar como legado escrito.

2003

Em 2003 estava cursando meu mestrado quando fui convidado pelo antropólogo da universidade do Acre para levar esse trabalho para os indígenas.

Ainda não havia trabalhado daquela forma, ele que era meu professor tinha um compromisso com os índios.

Eu estava atuando no SESI naquele período pela área do ensino agrícola, cedido pelo estado, dando aulas. Falamos com o reitor que aprovou a minha realocação, passei então a trabalhar com a Universidade. Fiquei com eles até me aposentar trabalhando somente com indígenas. Naquele momento o projeto ressurgiu de uma forma muito grandiosa. Voltei a trabalhar com o povo Kaxinawá dentro de uma visão nova com um novo modelo, onde o seringueiro ganhava dinheiro já com tecnologias apropriadas para ele. Hoje digo que o povo indígena que mais trabalha conosco são os Kaxinawá de Feijó e Tarauacá.



Produzindo o tecido emborrachado com látex pigmentado



Seringueiros da Vila Franca, Tapajós, preparando o látex



Seringueiro Sr. Alberico da Vila Franca, RESEX Tapajós Arapiuns, Santarém

BORRACHA

A REVIRAVOLTA

Eles aprenderam o serviço e estão empoderados nos dias de hoje.

Temos nas terras indígenas, em Nova Olinda em Feijó, no rio Envira, vinte e cinco indígenas com nível superior completo através de nosso estímulo.

A Universidade Federal do Acre com a nossa ajuda criou cursos de férias para os indígenas.

Os professores vão até eles e entregam um curso intensivo no período de janeiro e julho, um ano intensivo letivo.

Zelia é minha esposa e coordenadora de campo desse projeto.

Os depoimentos que temos são maravilhosos, de líderes formados graças a esse trabalho.

É maravilhoso você saber que de alguma forma ajudou a mudar a realidade desses municípios com poucas ações.

Trabalhamos com os Kaxinawá, Kaxarari em Rondônia, Apurinã na boca do Acre e no Amazonas, depois fomos para dentro do Amazonas com os Mura em Borba, Mundurucus próximos também a Borba, e fomos até São Gabriel da Cachoeira com os Tukano, Baniwa, Ticuna e muitas outras etnias.

Andamos por tudo e quando me aposentei saí do Acre para buscar espaço físico para trabalhar.

Me mudei para o Pará.

Transferimos então as nossas Cooperativas para Castanhal. O Polo Probio é uma organização civil de interesse público, a Cooperativa detém uma indústria de calçados.

Trabalhamos hoje no Marajó que tem 16 municípios e 12 ainda são de florestas com muita borracha e muitos seringueiros querendo voltar a produzir borracha.

Temos um trabalho na Resex Tapajós Arapiuns em Santarém, com duas comunidades dentro da Resex.

Estamos agora concentrando nossa produção para entregar escala ao negócio.

Fornecemos hoje para a indústria de calçados.

Temos cinquenta variedades de folhas feitas em fibras vegetais e látex sem usar nenhuma matéria prima de fora. Vendemos na Bemglô, na Oscar Freire em São Paulo, temos o ator Mateus Solano nos apoiando e estamos comercializando nossos produtos em alguns dos maiores shoppings de São Paulo.

Consolidamos o artesanato dessa maneira com as mulheres tendo uma renda no seringal feita com o látex em fibra vegetal.

Em 2014 senti que esse produto não era mais suficiente, fiz um levantamento, fui para as comunidades para entender, afinal, nosso propósito era ensinar os artesãos a comercializarem diretamente seus produtos.

Fiz uma reunião com mais de 60 pessoas com uma única comunidade, eu e Zélia entramos como atores para entender como pensavam sobre tudo. Os maridos colhiam látex e as mulheres produziam os artesanatos. Eles se organizavam para ganhar o seu dinheiro, no formato coletivo. De repente uma das mulheres levantou a mão e disse que estavam com dificuldades mas não era para vender e sim estavam com problemas entre maridos e mulheres. Prometemos encontrar uma solução para a situação e para isso separamos as mulheres dos homens em salas onde pudéssemos conversar.

Os homens colhiam dois dias no mês e para que a árvore produzisse mais precisamos cortar durante dez dias seguidos, mas para cortar tudo isso precisávamos vender toda essa borracha.

Foi então que acordei que se eles retirassem a borracha durante dez dias seguidos, eu garantiria a compra dessa borracha desde que eles garantissem também que as mulheres teriam látex suficiente para continuar a fazer o artesanato. Transformamos aquela produção em unidades familiares. Cada família com a sua renda e nós viabilizamos o calçado.

Reavivei a Cooperativa, realizamos uma assembleia, eles entraram de sócios - marido e mulher - viramos então indústria de calçados. Compramos máquinas, tivemos muitas grandes conquistas. Nosso calçado tem uma composição de 70% de borracha e 30% de caroço de açaí. A carga que colocamos no solado, a palmilha, é uma carga vegetal que é misturada com a borracha. Essa é uma patente que está em vias de concessão, é um dos nossos direitos adquiridos.

A nossa marca se chama SERINGÔ.

Ao adquirir um produto da marca SERINGÔ você está ajudando a proteger a Amazônia e sua rica biodiversidade. O homem e a natureza vivendo em plena harmonia.

As comunidades, a cultura e os modos de vida locais mantêm uma identidade de vida própria, que cuida da floresta e dos animais, promovendo um manejo seletivo e de baixo impacto.

SERINGÔ é uma marca amazônica de negócio social, que se reinventa e revoluciona a produção de borracha natural de Florestas nativas.

São técnicas indígenas ancestrais aliadas a novas metodologias simplificadas e participativas, gerando processos e produtos 100% sustentáveis de transformação do látex nativo em produtos de mercado, com impactos sociais, ambientais e econômicos.

Unidades familiares de produção de borracha e artesanato orgânicos, promovendo trabalho e renda e estabelecendo uma relação de igualdade financeira entre gêneros.



Francisco mostrando as novas seringueiras, renovação na Floresta



Zélia Damasceno e sua taioba em látex da Amazônia

Grupo de mulheres seringueiras da Vila Arajó em Inhangapi



Folhas em látex em processo de cura

**A SERINGUEIRA NATIVA
ESTÁ SEM DEFESA
ATUALMENTE E NÓS
PRECISAMOS
DEFENDÊ-LA.**

Eu sou muito firme em minhas posições, sempre fui. Não gosto de me sentir refém de nada. A pior coisa é você ter que compactuar com o que não deseja.

O governo do Pará lançou um programa para incentivar a borracha nativa envolvendo mil famílias no Marajó denominado *Marajó Sustentável* e nós teríamos essas mil famílias como multiplicadores para atingir dez mil famílias, o que daria uma bagagem de produção muito grande além da melhoria da qualidade de vida dessas pessoas em relação a suas rendas.

Nosso preço da borracha é em média, 3 a 4 reais o quilo, nós pagamos 10 reais o quilo ao seringueiro extrativista.

Fomos chamados a dar sustentação na compra da borracha. É preciso expertise para executar o projeto.

Nesses lugares em que nós estamos, longínquos, de difícil acesso, o governo não consegue chegar com facilidade, ali a população cria mecanismos de vida própria. E o conhecimento que eles tem é o da borracha, não tem outro, o extrativismo é que prevalece.



Látex nativo em processo de coleta

Essa é a minha tese, ao invés de levar um agrônomo ou técnico para fazer assistência técnica e desenvolver tecnologias sociais estou usando multiplicadores locais.

São os próprios comunitários que são qualificados para fazerem assistência técnica.

Você esbarra num problema grave que é a falta de escolaridade, 30% da nossa população no Marajó assina ainda com o dedão, incrível isso não é? ... mais de 50% copiando o nome, não sabe ler e nem escrever.

Mesmo sem escolaridade eles têm capacidade de ser bons orientadores e professores.

A seringueira nativa está sem defesa atualmente e nós precisamos defendê-la."



Antônio José de Albuquerque, o Kupi, na Aldeia Nova Olinda em Feijó, colhendo o látex

ELE É PACÍ FICO

A frente do Grupo Gaia, fundado em 2009, ele tem provocado profundas reflexões sobre quem nos tornamos em sociedade e o quanto é importante ressignificar, agora.

POR KÁTIA BAGNARELLI
FOTOS DE JOÃO PAULO PACÍFICO E EQUIPE

 **14 | Mercado Financeiro**

gratidão
não custa nada, mas vale muita.

No dicionário pacífico é adjetivo, que ou o que ama ou almeja a paz, que se passa em atmosfera de paz, ou, ainda, que tem a paz como objetivo.

Para nosso entrevistado é parte de si, desde o nascimento.

João Paulo leva essa paz até no sobrenome e, como se fosse premeditado, sua voz e seu trabalho anunciam ao mundo contemporâneo a compaixão para o ambiente dos negócios.

Um homem com espírito de legado coletivo, é Pacífico.

Essa é a melhor definição para iniciarmos a matéria deste editorial, que traz parte da autobiografia de um dos mais relevantes líderes ativistas da atualidade.

A frente do Grupo Gaia, fundado em 2009, ele vem ressignificando o conceito de sucesso no mercado financeiro. A Corporação que ele lidera, empresa B desde 2014, tem



como pilares a felicidade e o impacto socioambiental. O Grupo também atua com projetos de educação socioemocional, contribuindo com o desenvolvimento de alunos e professores da rede pública. Com valores propagados como **pratique a gratidão, sorria e faça sorrir, vá além e surpreenda, viva com garra, comunique-se sincera e honestamente, crie valor e gere resultados, simplifique fazendo mais com menos, fortaleça o grupo pois unidos vamos mais longe, espalhe gentileza para engrandecer as relações e celebre**, a liderança que ele exerce assina um céu que promete ser sempre azul.

Autor de duas obras, "A onda Azul" e "Seja líder como o mundo precisa", João mostra, na prática, como a valorização das relações humanas pode estar a frente do lucro, e que um ambiente de trabalho feliz cria relações sólidas e promissoras. Com apenas 42 anos, o empresário relata com propriedade circunstâncias muito tóxicas vividas e presenciadas por ele em sua trajetória profissional pelo mercado financeiro.

Momentos estes comuns no Brasil nas tradicionais práticas de um mercado que sempre valorizou o poder e o dinheiro antes de qualquer relação humana saudável, nos explica ele. Foi numa tarde de quinta-feira que a nossa equipe se encontrou com João pela primeira vez online. Jovem, com semblante sempre alegre e com os olhos brilhantes num ambiente de escritório com paredes azuis, João permaneceu atento a tela o tempo todo durante a nossa entrevista.

Depois de sessenta minutos de uma narrativa envolvente e impactante o convidamos a mais uma entrevista e, desta vez, presencial. Foi ao lado do casal Daniella e Roberto Lunardelli, líderes ativistas da Fazenda da Mata de orgânicos, e de sua assistente ativista Priscila Navarro que João Paulo Pacífico entrou em nossos estúdios em São Paulo.

Numa conversa de quase duas horas, nos deixou atônitos e energizados com reflexões empoderadas de humanidade, envoltas numa expertise para os negócios que soou como aula provocativa. Aliás, a provocação à reflexão é uma outra arte dominada por João, ele que na infância trabalhou como monitor num acampamento infantil que pertencia a sua mãe.

Certamente, como ele diz, foi esta experiência que o ajudou a ter a dinâmica que tem hoje com as pessoas, colaborando com a forma de motivar e conduzir quem se aproxime dele, seja numa relação de trabalho, seja para ouvi-lo numa palestra. João nos explica que o acampamento o tirou o medo de ser julgado, pois eram outras épocas, década de 90 e ali com liberdade ele se vestia de mulher, de monstro, de Chapolim ou de qualquer outro personagem como uma legítima e ingênua forma infantil de promover a alegria. "O fato de poder brincar com as pessoas e não ligar para qualquer tipo de julgamento, me ajudou e me ajuda muito a ser mais autêntico em minha carreira, podendo arriscar algumas coisas que talvez outros tenham receio de arriscar. Falar de felicidade e gratidão no mercado financeiro, colocar um tobogã no escritório, fazer sites bem humorados das nossas empresas desde o começo do Grupo, acredito que o acampamento me soltou e me entregou muito aprendizado para estar em público motivando pessoas. Esse é o meu lado monitor de acampamento. Brinco que eu era monitor de acampamento e hoje sou monitor de empresa. Somos todos seres humanos, quando você consegue pegar um ser humano e fazê-lo esquecer o que ele é, a galera se diverte. O problema é quando estamos com aquela máscara posta do meio corporativo onde não se pode isso ou aquilo", conta.

Na infância João praticou esporte como atleta, tendo na natação o seu refúgio para manter a disciplina, desenvolvendo a mente com dedicação, o que certamente lhe favoreceu em aprendizados paralelos. Como ele tinha que passar muito tempo no clube treinando quando adolescente, precisava fazer rápido as lições de casa. E foi nessa época que ele diz que “aprendeu a aprender rápido”. Curioso, ele navega em mundos diferentes com certa facilidade, característica essa que o aproxima dos negócios em que decide empreender. Pela ONG que dirige já beneficiou onze mil pessoas em seis anos de atuação. O Grupo Gaia é presente no Brasil com Securitização Imobiliária, Securitização Agrícola, Gestão de Recebíveis, Mercado Financeiro, Saúde e Bem Estar e Impacto Socioambiental. A seguir, com você leitor, João Paulo Pacífico em primeira pessoa, numa entrevista exclusiva para o editorial Onews.

A infância alegre

“Minha infância me preparou com disciplina e aprendi a correr atrás das coisas. Me lembro que ficava cantando bingo para festas de empresas, bem jovem ainda. E hoje é muito natural para mim toda essa comunicação. Eu comia muito na infância porque eu nadava muito, era muito magro. Me lembro de ir a um nutricionista na época que me deu um produto para tomar que tinha aqueles caras fortes na embalagem, era para repor o que eu estava consumindo em energia.

Nessa época eu comecei a ter muita dor de barriga para digerir as coisas, e eram dores muito fortes, me deitava no chão de tanta dor. Era começo de adolescência e fui a um médico bem experiente na época, ele disse que eu precisava comer mais verduras e mais legumes, e eu não comia alface por exemplo quando pequeno, eu não gostava.

Comecei então a introduzir aos poucos a verdura na alimentação e fizeram um exame detectando que em alguma parte do meu corpo tinha uma dificuldade, quando comia carne vermelha tinha problemas de digestão. Gostava muito de carne, entretanto, se não mastigasse direito sentia muita dor quando o alimento passava de um lugar para outro.

Me lembro ainda que, por causa desses episódios, me alertaram para comer mais fibras, mais verduras. Comecei a aumentar isso com o tempo. Lá atrás não tínhamos muita consciência e nem sei se falavam sobre orgânicos, por exemplo. Íamos comendo o que tinha. Quando comecei a trabalhar, reduzi o consumo de carne porque ela pesava para mim e me fazia mal. Quanto mais tempo eu ficava sem comer carne vermelha, quando comia eu ficava pior porque acredito que meu corpo se adequava e sofria com o retorno da carne. Até que parei de comer substituindo por peixe e frango.

Com 28 anos comecei a estudar o vegetarianismo, e decidi que quando fizesse 29, no dia do meu aniversário, pararia de comer todo tipo de carnes. Um pouco antes já consegui parar. Hoje em dia sou vegetariano, há quase 15 anos. A cada dia uma consciência maior e quanto mais dá para ser orgânico eu sou. Estou começando uma plantação de orgânicos. Minha alimentação lá atrás era qualquer coisa e agora está cada vez mais consciente.



A agroecologia

Não sou nenhum expert, comecei a agroecologia pela primeira vez com a turma do MST. Achei super interessante esse conceito que vai além do não uso de agrotóxicos, além dos orgânicos, onde se tem toda a questão social envolvida também. Na agroecologia você entende o todo. Você olha o lado social, ambiental, a biodiversidade. Os conceitos de agroecologia para mim são muito ricos e faz muito sentido num comparativo com a própria vida que tem que ser diversa. Ela não é uma monocultura com algum agroquímico em você. Quanto mais diversos forem os ambientes melhor, e você tem que olhar para todas as partes desses ambientes.



Tirando da agroecologia esse olhar e colocando em nossa vida não faz sentido você ter uma sociedade que está concentrada em algo. E como você consegue ter uma sociedade que está desconcentrada e que tenha várias frentes andando de forma saudável? A agroecologia é a saúde global.

O sítio agroecológico

Quando começou a pandemia passamos 60 dias em casa, com duas crianças pequenas, um terror. Naquele momento decidimos sair do apartamento que tinha muitas restrições para as crianças.



Alugamos então um sítio por seis meses sem nunca ter ido nesse sítio antes. Ficamos durante esse período por lá com as crianças correndo, brincando, até que pensamos “Nossa, que legal esse negócio de sítio”. Decidimos comprar um, mas se você falasse comigo há dois anos atrás esse jamais seria um dos nossos planos.

Começamos a procurar na mesma região do que passamos aqueles meses. A ideia era comprar e plantar, não era comprar pra ficar com o espaço com grama ou qualquer outra coisa. E o que fosse plantar tinha que ser orgânico. O contrário não faria o menor sentido e seria uma irresponsabilidade.

Encontramos então um sítio de 24 mil metros quadrados, que tinha muitos piquetes de cavalos, um campinho de futebol e uma casa. Quando compramos junto com o sítio vieram três cavalos, vendi um e doei dois. Algo interessante é que era uma terra muito dura, muito batida, por décadas, cavalos pisando. Defini logo ao entrar que ali seria uma agrofloresta. Conversei então com duas professoras da Unicamp, perguntei a elas o que seria possível fazer ali.

Me lembro de que quando fomos pegar um pouco da terra super batida para análise era difícil de cavar um buraco qualquer, era muito dura mesmo. Quando fizeram a análise do solo me disseram que era muito bom. Comecei então a mexer naquela terra somente com equipamento mecânico e nada que não fosse permitido no ecossistema de orgânicos.

Mexemos naquela terra toda e fizemos um projeto para estabelecer a agrofloresta. Fomos aprendendo e plantando. Em metade do espaço colocamos as árvores com carro chefe sendo a bananeira, uma super diversidade de frutíferas, árvores madeireiras também, nativas, hortaliças e assim por diante, testando aos poucos. Ainda não plantamos toda a área. O processo de plantar com as minhas filhas é super legal.

Vi ali coisas muito legais que utilizo inclusive em exemplos empresariais hoje em dia. Logo que fomos para lá peguei uma área que tinha um pequeno pomar, bem pequeno com um gramadinho, e coloquei algumas árvores frutíferas. Depois de seis meses eu fui plantar onde é a agrofloresta e o lugar das árvores frutíferas era um gramado que tinha algumas árvores e ponto. O lado da agrofloresta era um solo super duro. Mexi bastante nele e depois de mexer, deixei-o preparado, inseri adubo verde e aí sim, fui plantar as árvores. Seis meses depois de ter plantado foi incomparável as respostas de cada área. Nas que mexi no solo, elas cresceram e ficaram gigantes perto das do pomar, onde não tratei a terra, e ficaram pequeninas.

Entendi ali a importância de se trabalhar o solo com elementos naturais, como isso fortalece e faz com que a árvore cresça muito forte. Ainda não consigo dar a atenção que eu gostaria de dar para o sítio, mas estou super contente com isso. Uma observação interessante sobre a natureza é a chuva. Muitas vezes quando chove na cidade é um problema, e na natureza não, a chuva é alimento, e observar aquela água irrigando tudo aquilo é muito especial, como ela é potente e mesmo no verão, quando chove mais, a grama cresce muito mais também. Isso tudo é muito rico. Temos um poço artesiano profundo lá. Têm sido uma experiência muito legal. Quando falamos em agricultura vem essa crença que a indústria dos insumos passa para gente que sem insumos convencionais você não consegue alimentar ninguém e é uma grande mentira, e eles vão introduzindo isso na cabeça dos jornalistas e de todo nós de que o agro é pop, o agro é isso, é aquilo, e deixam completamente de lado a agricultura familiar, orgânica, agroecológica, regenerativa, em prol de uma agricultura que não é nada sustentável.



O CORAÇÃO DE IMPACTO DO LÍDER

Investimento de impacto

Cheguei ao impacto através de um conhecido. Na primeira vez que estive com ele, me trouxe um projeto sobre reformar casas na comunidade de favela. Pensei, caramba, que legal, eu quero fazer esse negócio.

Achei tão incrível essa oportunidade de poder reformar centenas de casas nessas comunidades que me comprometi a fazer essa estrutura acontecer. Me lembro bem que falei: vai dar certo!

Quanto mais fui expandindo minha consciência e entendendo a sociedade na qual a gente vive, de onde vem as informações e porquê elas vêm, o que estamos criando como mundo para as próximas gerações, fui me engajando mais e mais. Até o momento em que comecei a ficar incomodado com o que não era impacto e num determinado tempo revi todos os negócios que eu já tinha feito na vida e tentei me lembrar quais teriam sido os que me fizeram feliz em fazer, aqueles que me trouxeram alegria e prazer. Estes tinham sido uns dois ou três que eram os menores mas os que causavam o maior impacto. Compreendi ali que o que me dá prazer não é fazer uma operação com uma grande empresa em grandes operações divulgadas nos jornais, estas se eu não faço, alguém vai fazer. Mas, quando eu vou lá e reformo por exemplo a casa de alguém na comunidade, onde antes a pessoa morava num barraco, sem janela, com chão de barro e de repente você entrega dignidade para ela conseguir dormir e não ficar doente, poder receber outras pessoas em casa, percebo que meu trabalho está fazendo efeito na vida daquela pessoa. Decidi então que somente queria fazer isso dali para frente. Negócios de impacto. Se eu consigo usar minha habilidade para fazer o bem para as pessoas, trago um senso de propósito muito forte. Quanto mais aprendia as coisas e falava sobre elas, ia engajando pessoas nesse mundo novo. Cada vez mais, naturalmente foi acontecendo isso e o grande ponto é: como consigo pegar as habilidades que eu e minha empresa temos para causar uma transformação positiva no mundo? Isso é muito forte.

Não quero que você concorde comigo mas quero que você reflita.

Você que tem uma habilidade ou ferramenta pode usá-la para várias coisas, como uma faca que você pode usar para matar ou para cortar legumes.

E no mercado financeiro tenho várias ferramentas, posso usar essa ferramenta simplesmente para benefício de poucos ou de muitos que não tenham acesso.

Decidi somente, então, fazer impacto, falando o que acredito e mergulhando de cabeça nisso. Quanto mais fomos nos direcionando para isso, os negócios de impacto também foram nos chamando, cada vez mais.

Você vai se engajando e quando você faz as coisas com essa paixão, com esse amor, você convence as pessoas a investirem nos seus projetos de impacto.

Vendi toda a parte que não é impacto da Gaia. Agora a Gaia é 100% impactante. Agora só quero fazer isso da vida.

Eu garanto que quando você consegue atuar no impacto causando uma transformação na vida das pessoas, o sentido do seu trabalho fica muito maior. Você acaba querendo fazer mais, olha para essas pessoas que são jogadas de escanteio na sociedade e dá mais atenção a elas. Olha que rico isso!

Fazer isso de uma forma muito diferente de como o mercado olha aquele mundo da competição, de um contra o outro. Não, eu quero que todo mundo fique bem, quero que tenham 55 bilhões de empresas de impacto, quero que não tenham pessoas dormindo na rua, eu quero que não tenha uma pessoa com fome no Brasil e no mundo.

Passar fome é muito ruim.

Estava voltando depois de deixar minhas filhas na escola e vi um cara tomando banho na sarjeta, isso é muito injusto na sociedade. Aquela pessoa não escolheu estar lá. Ela está lá por um problema de todos nós. E se eu que tenho acesso a mais não fizer nada, vai ficar cada vez pior, ou se apenas ficar cobrando os outros de fazerem e eu não faço nada, ficará cada vez pior. Hoje em dia consigo atuar com as ferramentas que tenho ao meu dispor e todos os privilégios que eu trouxe em minha vida. Não posso fechar os olhos e esquecer quem precisa achando que sou o “bam bam bam” e você que lute. Ter essa consciência ajuda demais. O que me difere é a consciência, é você entender que nascemos em bolhas, e ficamos nessas bolhas, eu era dessa bolha, mas a curiosidade, a sorte, o contato com pessoas me fez estourar essa bolha e olhar para fora dela. E quando você olha para fora dela você tem que estar aberto a isso também. Os vieses e os preconceitos conscientes ou não nos cegam. Eu não sou absolutamente nem um pouco mais especial, sou exatamente igual as outras pessoas só que tenho uma consciência que muitas pessoas não tem. O que eu adoraria e procuraria mostrar de alguma forma aqui é que a reflexão é importante.

Não tenho a verdade absoluta, mas se você refletir você pode chegar a se perguntar se aquilo que você acreditou a vida inteira é assim mesmo, ou será que você pode fazer as coisas de uma forma diferente? Será que o mundo tem que ser uma guerra onde eu tenho que ganhar e alguém tem que perder? Falta ampliação de consciência. Essa consciência vem de duas formas, uma é adquirindo informação e a outra é adquirindo experiência. Uma coisa é uma pessoa dizer que é contra o assentamento da reforma agrária porque leu no jornal, outra coisa é visitar.

Educação

Cada vez mais temos uma educação diferente e é lógico que temos duas esferas, a educação privada e a educação pública, infelizmente. Na educação privada a consciência ambiental está cada vez mais forte, educação social tenho um pouco de dúvida.

Essa nova geração nasce digital e já nasce com uma consciência muito grande, temos exemplos maravilhosos como o Fridays For Future da Greta Thunberg, ou como aqueles adolescentes que conseguem mobilizar e constranger grandes líderes em relação ao aquecimento global. É maravilhoso ser voz no mundo.

Na escola privada a questão social ainda carece muito, temos que caminhar um pouco mais, muito devido a uma visão elitista escravocrata que a sociedade brasileira continua tendo ainda hoje. No Brasil a escravidão acabou faz pouco tempo formalmente, mas de fato ainda não, na visão das pessoas. A educação pública infelizmente está muito sucateada, a educação pública é muito ruim, os professores da rede pública do Brasil são muito mal remunerados, muito mal cuidados, e a culpa não é deles. Nós temos aqui realmente um problema e é algo que temos que tratar.

A CULPA É NOSSA

É fundamental conseguirmos mudar isso porque para melhorar uma nação nós precisamos educar e formar essa nação.

Mesmo nos EUA, que tem péssimos exemplos em várias coisas, a educação pública é muito boa, lá você consegue ter uma diversidade na educação pública.

Na classe das minhas filhas aqui não tem nenhuma pessoa negra, infelizmente. Elas acabam não tendo contato com essa rica diversidade brasileira, e são escolas caríssimas.

Adoraria que tivesse um ensino público e privado de muita qualidade com diversidade para ter uma melhor formação das próximas gerações.

Pagamos um preço muito alto pela falta de formação das pessoas e a culpa é nossa e não delas que não estão sendo formadas.

Efetivamente sabendo que você e cada pessoa que nos lê e assiste tem uma responsabilidade, a pergunta é: o que você está fazendo com essa responsabilidade que você tem? Essa responsabilidade vai desde a forma como você consome os seus produtos, como você investe seu dinheiro, como você se veste, como você forma seus filhos.

O que você está fazendo?

Você está agindo de uma forma egoísta, simplesmente para acumular mais e não está preocupado por exemplo, com a questão ambiental do mundo ou você está realmente agindo com essa responsabilidade?

Porque eu gosto de falar que quando você tem uma informação, se você não agir para mudar você está sendo conivente com aquilo.

Hoje todo mundo já sabe que nós temos alguns problemas muito grandes como por exemplo o aquecimento global, a falta de alimentos, a falta de moradia, a escravidão, e o que você faz para que isso não se perpetue para as próximas gerações? Consumir é um ato político. Investir é um ato político.

Uma coisa que falta hoje é compaixão. E aí você pode dizer, mas poxa falar de compaixão no mundo dos negócios?, sim. Porque quando você entende que a gente faz parte de uma mesma sociedade, e me veio um exemplo na cabeça agora: imagine que você tem cinco filhos, para quatro você entrega educação, comida e tudo o que eles precisam e um deles você deixa passar fome e outras necessidades.

A partir de então você não pode pedir para este filho que foi privado de muito, que se dedique mais, ele não teve condição para isso, não recebeu educação, não teve nada.

O que acontece numa sociedade que começa incentivando mais e mais essa competição de um com o outro, é que você olha muitas vezes o seu fornecedor como se fosse alguém que está indo contra você, você tem que ganhar dele, apertar o seu fornecedor, pagá-lo depois de sessenta, noventa ou cento e vinte dias e ainda conclui que conseguiu lucrar mais com isso. E muitas vezes esse fornecedor vai quebrar. É justo você fazer alguém quebrar? É uma família, é um empreendedor, tem funcionários lá dentro.

E quando a gente inverte isso, o que é a compaixão? É você ter empatia pela outra pessoa e agir para que essa pessoa não sofra. E quando você passa a ter compaixão pelo outro você pensa que não quer que um fornecedor quebre, porque é injusto com a sociedade e com aquela pessoa que está lá.

O primeiro ponto é termos mais consciência social.

É você ficar chateado quando tem alguém em situação de rua. E depois entender que você, por ter um poder econômico maior, você tem poder de mudar as coisas. Muitas vezes não é pensar que aquele fornecedor está fornecendo porque quer e sim, porque não tem outra opção. É você compreender que tem uma responsabilidade com aquele fornecedor para que ele cresça também.

A prosperidade compartilhada citada por exemplo por *Daniela e Roberto Lunardelli da Fazenda da Mata* é isso: olha que legal se você tem um fornecedor que está crescendo e prosperando com seus funcionários, você vai ficar feliz, você é parte daquilo, para seu negócio a longo prazo será bom também e as pessoas vão torcer por você.

Caso contrário, quando você está numa relação de poder que você manda nos outros e eles farão aquilo só porque tem interesse em você, no dia em que você cair ninguém vai te ajudar. Porque as pessoas estão atrás de você só por interesse.

E que sociedade é essa em que as pessoas estão atrás umas das outras só pelo interesse no poder e no dinheiro?

Acho que chegou a hora de ressignificar um pouco isso. De olhar para o outro e perceber como é possível fazer o outro ser melhor também e juntos como podemos olhar como parceria de verdade e não como aquela parceria de propaganda onde na verdade um quer massacrar o outro. Tenho visto isso diariamente.

Trazer o impacto para os negócios é você olhar o outro, é você ter compaixão pela outra pessoa, são valores humanos. A agricultura tem um negócio maravilhoso que é a geração de riqueza. E se você pensar bem é quase um milagre, você pegar uma terra e uma semente muito pequena imperceptível para a visão, e dali a algumas semanas ou meses ela vai virar uma planta produtiva. É geração literal de riqueza, e o que a agricultura orgânica faz é geração de riqueza sem veneno. Aliás tem uma coisa que não faz muito sentido para mim que é a agricultura ser

chamada de convencional com transgênico e com veneno.

Deveriam nomear como: "isso tem veneno", "isso não tem veneno".

Afinal você vai alimentar seu filho com o quê?

Com o que tem veneno ou com o que não tem?

Acho que a maioria das pessoas escolherão pelo não veneno mas convencionou-se que o convencional é fazer algo que não é orgânico.

E olha o espaço que eles vêm ganhando nestas últimas décadas.

Então de um lado, temos a geração de riqueza com saúde, do outro tem o capital, o que o mercado financeiro tem que fazer é juntar essas duas pontas. Esse é um pouco do papel que nós temos como Grupo Gaia, como quando nós vamos lá e financiamos assentados da reforma agrária, onde eles estão gerando riqueza e do outro lado tem alguém querendo investir, juntamos essas pessoas e seus objetivos de uma forma compassiva também, com compaixão, porque no mercado financeiro, por ser um setor que lida com muitos valores e muito poder, as pessoas passam a olhar todo mundo como número.

Faço uma analogia em que o mercado financeiro deveria ser uma ponte em que você liga quem produz riqueza com quem está querendo poupar. Entretanto, de forma completamente errada o mercado financeiro virou protagonista.

Existe então uma exploração de quem está plantando e do investidor e o mercado financeiro se destaca como protagonista. Este é um mercado muito concentrado e o que nós estamos tentando fazer é mostrar que existem outras formas de fazer isso funcionar.

Sobre a felicidade

Há nove anos comecei a estudar felicidade, a ciência da felicidade, a psicologia positiva.

No fundo todo mundo quer ser mais feliz.

Comecei a estudar essa ciência que veio no final da década de 90 com Martin Seligman.

E primeiro preciso falar de uma coisa que é muito importante, quando falamos em uma vida feliz, é uma vida que tem sim sentimentos desagradáveis e só tem dois tipos de pessoas que não tem esses sentimentos desagradáveis como medo, raiva, ódio e ansiedade que são as pessoas que já morreram e os psicopatas. Se você tem sentimentos desagradáveis como tristeza, por exemplo, agradeça porque está tudo certo. É natural. E a grande questão é você voltar para o ponto de partida, onde você estava antes. Você vai ficar triste, vai acolher sua tristeza, vai entender aquele momento como um momento difícil e você retorna para um ponto base que é um ponto melhor.

A teoria do Tal Ben Shahar é uma que gosto muito, onde ele diz que a felicidade é o bem estar integral da pessoa em cinco aspectos: o espiritual, o físico, o intelectual, o relacional e o emocional, é uma teoria bem grande mas em base é isso, é você buscar o bem estar.



A CIÊNCIA DA FELICIDADE

EM CINCO ASPECTOS:
O ESPIRITUAL,
O FÍSICO,
O INTELLECTUAL,
O RELACIONAL
E O EMOCIONAL

TAL BEN-SHAHAR, EM EVENTO NA CAPITAL ESPANHOLA. IMAGEM: ULY MARTÍN

Nota da redação: Tal Ben Shahar é professor em Harvard e tornou-se famoso por suas aulas sobre felicidade, que ele define como “a sensação geral de prazer e significado; uma pessoa feliz aprecia as emoções positivas ao mesmo tempo em que considera que sua vida é cheia de significado”.

Pessoas mais felizes são pessoas mais conscientes, que colaboram mais com as outras pessoas, a ciência mostra isso. O que acontece é que tem muita gente que acaba tendo um vazio interno grande e nosso cérebro nos engana, seguimos acreditando que seremos mais felizes o dia que ganharmos um milhão, e você ganha e pensa que não está mais tão feliz, ou o dia em que for famoso, e você fica famoso e não fica feliz, numa corrida atrás de algo que nunca irá lhe satisfazer.

Esse comportamento gera uma sociedade tóxica que não tem uma consciência desenvolvida, fazendo do todo uma sociedade pior.

Por outro lado a generosidade traz mais generosidade, quando alguém é gentil com você, você espalha isso para os outros também. Nos negócios isso é super válido. Quando você faz uma negociação com outra empresa, pode ser uma negociação pesada, dura, triste ou pode ser uma negociação positiva e que você vai abrir a sua realidade na mesa de negócios, ele vai abrir a realidade dele, vocês vão se entender e concretizar o necessário. Acabei de fazer uma negociação que teoricamente é difícil, vendi grande parte de uma empresa chamada Planeta e o processo foi muito leve. Eu dizia para os advogados que fazem parte de um dos maiores escritórios do Brasil, que eles eram muito legais e eles falavam “a gente é legal porque vocês são legais,

não é assim com todo cliente”. Em nenhum momento quisemos operar o outro lado, fazendo aquele jogo muito comum, não, nós fomos completamente abertos em todos os aspectos nessa e em todas as nossas negociações. Com todo mundo. Foi gostoso, foi divertido. Depois do processo as pessoas não estavam exaustas, elas estavam felizes. A sensação é a de que deu certo para todo mundo, e não aquela sensação de que eu ganhei e você perdeu. Os advogados estavam lá por um interesse coletivo no final das contas. É uma forma diferente de negociar e isso é possível? Sim, é possível!! E diria que é necessário.

Por mais que a ciência tenha evoluído muito e nós tenhamos muita informação nos dias de hoje, temos uma geração de pessoas com burnout enorme, que é o estresse proveniente do trabalho, aquela sensação de exaustão física e mental. Os níveis de depressão e ansiedade estão cada vez maiores, crianças e jovens que pela ausência dos pais estão com a cabeça em outro lugar. Olhem para a sociedade que estamos criando, não precisava ser assim.

A Gaia é um exemplo de empresa do mercado financeiro que fez e faz tudo praticando a gratidão por exemplo, que é um valor que nós temos, nos dando muito bem em todos os aspectos.

Começamos, crescemos, vendemos um negócio que foi muito bem sucedido para os parâmetros do mercado, mas muito mais do que isso, para os parâmetros da sociedade quando temos várias ações coletivas como a que montamos com a Gaia+, que é uma Ong reconhecida como atividade social. Isso mostra que é possível juntar todos os aspectos de mercado e não focar sempre só no dinheiro, dinheiro e dinheiro.

O ativista

Ser ativista é agir com propósito e a ciência da felicidade nos mostra isso. Quando você tem atitudes que trazem significado para a sua vida, você fica mais feliz do que ter uma vida vazia só correndo atrás de dinheiro.

Que fique claro que dinheiro não é ruim, é bom ter dinheiro, entretanto uma vida focada apenas em dinheiro é uma vida muito pobre, como aquela frase antiga que uma pessoa é tão pobre, tão pobre, que só tem dinheiro.

Quando você é ativista você abraça causas, causas dos orgânicos, dos animais, das pessoas, a do investimento de impacto...

Ser ativista, sem dúvidas, traz essa sensação de prazer e de propósito para sua vida.

Entretanto tem um ponto importante que menciono em meu livro, em que o ativista é o contrário do mercenário. O mercenário é aquela pessoa que prioriza o dinheiro e que passará por cima de quem for somente para ganhar ainda mais dinheiro. O ativista além do interesse pelo dinheiro que é natural e saudável ele tem um propósito maior.

Este é um dos eixos que menciono no livro. O outro eixo é onde se encontram as pessoas tóxicas e aquelas que tem comportamentos humanos.

Encontramos portanto pessoas que são ativistas mas que são tóxicas em nome de um possível

bem, tratando mal as pessoas. Temos que, com cuidado, olhar esse multidimensional pois o ideal é você ter um comportamento humano com a outra pessoa, que promova o bem estar do outro, mas também que traga o propósito do ativismo. Por outro lado tem pessoas que são muito humanas, tratam bem a todos mas que são extremamente mercenárias e o que elas estão fazendo é ruim para o planeta. Tem um exemplo, uma empresa que foi comprada recentemente muito conhecida e foi condenada pela questão dos transgênicos e agrotóxicos mas quem trabalhava lá adorava trabalhar nessa empresa porque ela viabilizou muitos benefícios super legais, por outro lado o produto que ela vendia era muito ruim para a humanidade. Precisamos então balancear as coisas, um lado é como a gente trata as pessoas e o que o nosso trabalho está gerando para o bem do planeta, das pessoas e da gente também. Tudo começa com o autoconhecimento.

É muito comum você ler nos livros ou em outros lugares que para você ser de certa forma precisa seguir cinco ou dez passos. Há sempre uma receita de bolo externo. Entretanto tudo começa com a sua auto percepção, você se tratar com auto gentileza, o que é algo difícil pois muitas vezes tratamos de forma mais gentil o outro do que a gente mesmo.

Existe um outro conceito que é maravilhoso, o da auto compaixão, que passa pela auto gentileza, como você trata você mesmo, você está no momento presente e se respeita como ser humano? Como autoestima, auto e baixa: com uma autoestima baixa você não tem forças para levantar e uma autoestima alta quaisquer percalços geram um grande tombo que lhe machuca. O ponto é, deixe de lado a autoestima e olhe a autocompaixão, onde você se compreende como ser humano, com erros e acertos, percebe que vai cair e vai

ajudar a si mesmo a levantar, porque principalmente, você compreende que cair faz parte do processo.

Ninguém terá uma vida sem quedas, e ainda bem, senão essa vida seria muito chata.

Esses desafios fazem parte da vida.

Você se tratar com autocompaixão é o primeiro passo para você ter mais consciência.

Você se trata bem, se entende melhor e começa a compreender qual é o seu impacto no mundo. A forma como você trata aquela pessoa que você não conhece, o que você está de fato entregando a ela, um copo de veneno ou amor?

Acha que é justo com aquela pessoa, que trabalha na sua lavoura, quando você planta e utiliza agrotóxicos que certamente irão fazer muito mal para ela, podendo gerar um câncer por exemplo por causa disso?

É justo com aquela criança que vai comer aquele produto infestado de agrotóxico? Quando começamos a refletir você entende que não é justo ganhar dinheiro às custas do câncer de alguém. Você gostaria de ganhar este dinheiro assim? Não é tão legal. Tudo parte de dentro da gente, da auto percepção, e você começa a expandir a consciência.

Precisamos entender que é a caminhada que vale, onde não temos que ficar nos culpando pelas coisas erradas que fizemos, e sim apenas ir arrumando de uma vez por todas a rota.

O mercado financeiro e o olhar para as empresas de impacto

Minha visão não traz nenhuma couraça científica sobre isso, mas funciona assim: o mercado financeiro mais tradicional, grandes bancos que falam em ESG, que é o ambiental, social e governança, hoje em dia soam mais greenwashing que significa mais falar sobre do que fazer.

Quando você pega os grandes grupos financeiros sem querer nomeá-los, eles têm uma preocupação de marketing, mas quando você desce uma camada e fala com pessoas físicas que estão aplicando seu dinheiro você percebe uma evolução muito grande principalmente nas novas plataformas de investimento crowdfunding.

Nós temos um exemplo. Fizemos uma operação para financiar sete cooperativas ligadas ao MST, sete cooperativas que passaram por toda a diligência de um dos maiores escritórios de advocacia e a Gaia foi a emissora desse título. Sem contar com o apoio de ninguém, pelo contrário, tiveram várias retaliações contra a gente, nós tivemos como resultado mais de cinco mil pessoas que quiseram investir nesse título.

Hum mil e quinhentas pessoas investiram, lotou o espaço, foram captações de alguns vários milhões de reais, e o dinheiro era para assentados da reforma agrária que plantam grande parte deles orgânicos, ligados a agroecologia, e com uma taxa de juros inferior a

que eles encontram em outros lugares. Sem nenhum marketing, pois não investimos em propaganda, 1500 pessoas quiseram investir numa taxa mais baixa que eventualmente emprestar dinheiro para Petrobras, comparando aqui, sem julgar.

Isso nos mostra que pessoas estão querendo fazer isso, grandes grupos eu acho que ainda não.

O céu azul

Para mim o céu azul significa esperança.

Que por mais que, em alguns momentos tenha uma tempestade onde

você não consiga enxergar um palmo à sua frente embora você não saiba quando, você sente uma certeza de

que em algum momento o céu azul vai voltar, ele vai aparecer.

É a esperança que move a gente.



João Paulo Pacifico

SEJA
LÍDER
COMO
O MUNDO
PRECISA

IMPACTE AS PESSOAS, OS NEGÓCIOS E O PLANETA



VÁ!

Claro que dá pra fazer diferente.
Claro que dá pra ser feliz no trabalho.
Claro que os negócios podem impactar positivamente a sociedade
Claro que os líderes podem fazer a diferença na vida das pessoas.

SEJA LÍDER

COMO O MUNDO

PRECISA

A gente só não sabe como, nem onde, isso acontece. É aí que entra o livro *Seja Líder Como o Mundo Precisa*: ele mostra o que fazer, como fazer, e onde já acontece. Cheio de estudos, exemplos e ciência. Uma leitura leve, com toque de humor e emoção. O livro é um verdadeiro ponto de luz pra quem, mais do que acredita, quer FAZER diferente.

Sobre o livro “Seja líder como o mundo precisa”, editora Harper Collins

Escrevi meu primeiro livro que foi publicado em 2016, na verdade até oficialmente, no primeiro dia de 2017. O que me motivou a escrever o primeiro foi ter tido uma hérnia de disco. Não conseguia fazer esporte de manhã, acordava muito cedo, resolvi escrever, pensei em organizar minhas ideias. O primeiro livro foi um processo de ocupar meu tempo de madrugada, nas primeiras horas da manhã escrevendo. Era reviver o que eu tinha vivido e organizar isso em termos de ideias. Tive muitos feedbacks legais nesses anos que se passaram porque pessoas que liam aleatoriamente enviavam mensagens dizendo que o livro as inspirava a empreender, e esse é o tipo de feedback que não tem preço. Quando você escreve, o impacto que você pode causar em alguém que você não conhece é muito legal.

Minha equipe me cobrava muito que estava chegando a hora de escrever outro livro. Eu achava que não precisava ainda voltar a escrever. Até que em 2019 um amigo me chamou para almoçar com a Renata da Harper Collins. No primeiro livro me lembro que enviei mensagem para todas as editoras e ninguém nem me respondeu, iria então fazer uma autopublicação até que chegou uma editora muito pequena mas muito atenciosa conosco que topou editar. E foi durante o almoço com a Renata e com esse amigo que fui provocado por ela me perguntando se não queria escrever outro livro naquele momento. Comecei a refletir e olhando as coisas internas que estávamos falando e

fazendo na Gaia, começou a me vir uma vontade de escrever o segundo livro. Nas minhas meditações tive insights criativos. O diagrama que apresento no livro me veio pronto num insight, me lembro bem. Me lembro que tinha que fazer um vídeo explicando o sentido do livro para a Editora. Me convidaram a partir dali para ser um autor da Harper o que me fez muito feliz. Eu já tinha um desenho do livro, de como ele seria.

Escrever um livro para mim é um processo diferente, nunca escrevo durante a rotina de trabalho. A hora que tenho mais criatividade e a mente sã é no período da manhã. E desta vez houve algo que facilitou o processo demais da conta, usei um aplicativo chamado scrivener, foi como encaixar as peças de um grande quebra cabeça. Fui encaixando e criando as lógicas lá dentro. Pensava no foco da primeira parte por exemplo, começava então a reviver histórias e mergulhar em estudos. Estudei muito, há muitas referências neste livro. Comecei a escrever um pouco antes da pandemia, e a maior parte dele durante a pandemia. Por um bom tempo da escrita do livro estava naquele sítio que aluguei, acordava de manhãzinha e mergulhava em escrever, pensar, ler. Não me lembro exatamente o tempo que levou, mas acredito ter sido um ano. Escrevo sozinho sempre. Quando acabei entreguei cópias para Priscila, da minha equipe Gaia, para minha esposa Carol e para meu irmão. Os três leram, fizemos um papo, passaram todas as suas considerações, sugestões, modificações e com base nesse processo incorporei tudo no livro e encaminhei para a Harper. O processo com a Editora ocorre em duas etapas. A primeira é a validação com sugestão dos textos do livro por uma pessoa técnica, como um direcionamento de trechos em trechos. Essa parte para mim é disparada a mais difícil, porque uma coisa é escrever que eu gosto muito, outra coisa é adaptar o meu texto com base nas considerações da Editora. Acho muito chato e nessa parte eu travava muito. Terminada essa fase vem para o time uma revisora de texto, que irá conferir todas as referências, datas e detalhes. Finalmente olho, confiro tudo e terminamos, prontos para publicação.



O processo foi muito bacana. O que é interessante é que se tem um tempo entre escrever e revisar e quando fui ver o livro pronto, comecei a ler e pensei “nossa, como está legal esse livro”, pois eu não me lembrava muito apesar de ter escrito tudo.

Fizemos o lançamento no webinar com Edu Moreira, e atrelamos a isso um curso do livro. Esse processo foi muito legal para mim porque me forçou a ler novamente a obra, a grifar temas que poderia inserir no curso, montando assim dez aulas de uma hora cada. Estou consolidando ainda mais as coisas e quando você explica várias vezes, isso alicerça melhor em sua mente. O momento atual é de explicar o livro em forma de aulas. Fico muito feliz quando vejo as pessoas postando e lendo essa obra.

Evito ter expectativas, mas tenho desejos. A expectativa pode frustrar muito qualquer momento da vida.

Adoraria que as pessoas vissem, mas se impactar uma pessoa já está valendo meu esforço. A qualidade é melhor que a quantidade, e é óbvio que quando você consegue ter ambos também conseguirá impactar mais gente. Se eu consigo através de palavras, assim como os livros fazem comigo, escrever algo que possa ressoar para pessoas fazendo-as refletir sobre um ponto ou outro, estou feliz.

Hoje em dia é muito comum buscarmos os likes de publicações ou seguidores de redes sociais, o risco disso é ficar refém dessas métricas e se fico refém delas posso perder meu objetivo principal que é causar impacto positivo. O que faz mais sentido para mim não é o ser mais popular e sim o ser mais impactante."

João finaliza conosco a entrevista com o mesmo brilho e disposição que iniciou.

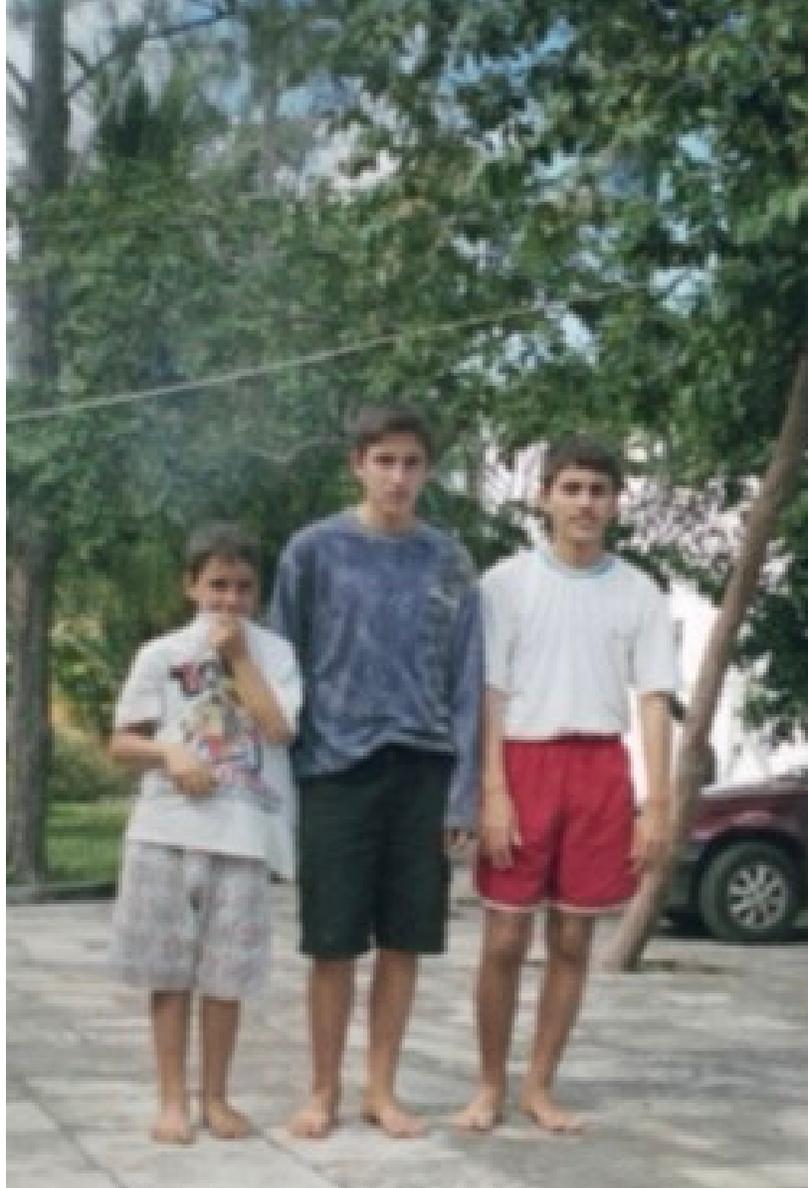
De nossos estúdios, encerrada sua estada com nossa equipe no jornal, provavelmente seguirá para um ou dezenas de novos compromissos. Ele é um viajante com espírito de legado coletivo e que está sempre disponível para a alegria. Com ele o Brasil está cada vez mais orgânico, acessível e justo para todos.

SAVINO E C O

**A plataforma que está
alimentando as futuras
gerações com saúde**

O empresário Ismael Savino conta, num relato emocionante, como a coragem de inovar transformou sua empresa num elo de negócios saudáveis para o setor sustentável do Brasil

Imagens de arquivo pessoal



onde tudo começou

A Savino iniciou as atividades em 2016, em São Paulo. O idealizador da marca é Ismael Savino, filho de Paula e Paulo Savino, fundadores da Ecobras, fabricante de produtos orgânicos desde 1989, no Rio de Janeiro.

A proposta da plataforma é comercializar apenas produtos orgânicos (livres de agrotóxicos), veganos (não são provenientes da exploração animal) e naturais. O objetivo é fortalecer a economia sustentável, com respeito ao meio ambiente e também ao corpo humano. A empresa acredita que o consumo diário de alimentos reflete diretamente na saúde humana ou na falta dela.

A plataforma vende e intermedia apenas produtos com procedência, mercadorias de produtores e fabricantes que agem com responsabilidade socioambiental.

Democratizar o acesso aos produtos orgânicos, veganos e naturais, para fomentar estes segmentos no Brasil, de maneira transparente e com responsabilidade perante todos os stakeholders é o que carrega como parte de seus valores, o jovem Ismael Savino.

Ele trabalha para ser referência em atendimento comercial para o setor além de oferecer de forma inovadora produtos saudáveis e sustentáveis para as futuras gerações.

Entretanto o que nos impacta antes de tudo é a história de Ismael, que ele nos traz num relato de família emocionante. Um convite para um Brasil que precisa se unir pela regeneração do planeta e pela saúde dos brasileiros, sem medo e com coragem.



Copacabana, Rio de Janeiro

1987

“Do que trago em memória, a parte mais interessante da infância é que eu tenho muitas lembranças. Tenho memória realmente desde os meus cinco anos, e principalmente porque na época uma amiga da minha mãe fez uma fita de vídeo que nós assistimos ainda quando crianças, e tudo isso foi reforçando a nossa memória.

Nasci em Copacabana, em 1987 no Rio de Janeiro e com um ano de idade fomos morar em Nova Friburgo, que é a região serrana do Rio.

Éramos eu e meu irmão mais velho, com quatro anos de diferença de idade entre nós. Ele tem um pequeno grau de autismo mas vive normalmente. Quando éramos crianças não percebíamos nada disso, brincávamos numa boa.

Na minha infância em Nova Friburgo meus pais já eram vegetarianos, já atuavam no mundo da macrobiótica, já tinham tido restaurante, inclusive há um restaurante no centro do Rio chamado Metamorfose que foi fundado pelo meu pai e hoje está com o Pedro.

Toda essa experiência veio principalmente do meu pai, que é quem mais ouço sobre isso, visitando fazendas de orgânicos nos EUA quando aqui praticamente não existia nenhuma.

Minha mãe teve parto natural dos três filhos, e nós nos alimentamos primeiramente de leite materno e quando começamos a nos alimentar com comida era papinha de frutas que ela mesma preparava.

Nossa ida a Friburgo resultou na construção de uma casa oriental toda de madeira construída pelo meu próprio pai, que depois de finalizada tinha quatro andares, e se chamava Samadi. Ali se originou um restaurante macrobiótico.

Além disso, o espaço recebia pessoas para fazerem reeducação alimentar.

Nossa alimentação na infância foi portanto a base vegetal, entendido que as proteínas animais no início não eram recomendadas. As memórias que tenho de fato da alimentação é de arroz cateto integral, não comíamos arroz branco, pastéis de farinha integral ou de arroz integral, me lembro de um doce que era de feijão azuki como este que se vende no bairro da Liberdade em São Paulo, só que era artesanal e então era puro, sem açúcar. Comíamos muito mingau de arroz e ameixa. O restante eram verduras.

Uma alimentação praticamente vegana, com uma memória de bacalhau, às vezes.

Tivemos aulas de férias de verão na escola Waldorf também em Friburgo. Foi uma infância maravilhosa, minhas reclamações eram pela falta de liberdade para comer as besteiras que o mundo que não é saudável oferecia. Meus pais, a partir do momento que ainda tinham o controle, mantinham que nós não acessássemos esses produtos, mas quando começamos a ir para a escola rapidamente acessamos os biscoitos recheados, balas com açúcar e tudo isso para mim como criança era fantástico. Passei por essa transição. Eles nos contam as histórias daquelas pessoas que iam para o restaurante macrobiótico a fim de reeducação alimentar, e a mais forte delas é a de um senhor de 80 anos com tumor cancerígeno, que recebeu a cura com a reeducação.

Pessoas com depressão e problemas respiratórios eram muitas. Se recuperando apenas com o alimento.

Comíamos muito pão integral. Me lembro ainda que meu pai fazia importação de produtos do Japão, que ao invés de ser bala com açúcar branco



eram balas com malte de arroz que é o carboidrato mais complexo.

E foi lá que começou a produção de tofu.

Inicialmente só se produzia tofu e cottage pois não havia maquinário ainda para defumar e nem para fazer hambúrguer.

Desde que me entendo por gente meus pais faziam o tofu artesanalmente. A Ecobras nasceu de forma comercial entre meus 5 e 8 anos.

Meu pai produzia tofu e minha mãe manipulava as receitas, ela era formada na culinária macrobiótica e vegetariana, era ela quem cozinhava de fato no restaurante. Mas foi meu pai quem conheceu o tofu nos Estados Unidos, voltando com minha mãe anos depois para explorar ainda mais.

Me lembro de descer com meu pai para o Rio de carro, tínhamos um kadett ipanema na época, colocávamos tudo em isopores com gelo para manter bem refrigerado. Descíamos com o carro para fazer as entregas. E foi assim que começou a venda do tofu.

Nos mudamos então de volta para o Rio, principalmente por causa do frio, minha mãe não se dava muito bem com o frio. Ela tinha acabado de ter o terceiro filho, meu irmão Lucas.

Tinha 5 anos quando Lucas nasceu. Para mim ainda é muito difícil falar sobre isso. Ocorreu uma tentativa de assalto no ano passado no sítio de meus pais e ele foi correr, sendo acertado. Ele veio a falecer com 28 anos. Eu escolhi o nome dele. Conforme cresci é que me acostumei com meu nome Ismael, que achava muito diferente. Agora eu adoro, mas na época amava Lucas.

Lembro que foi uma etapa forte por ter muitas memórias do Lucas crescendo.

Com todas as dificuldades daquela época e com a Ecobras se estabelecendo, nós querendo ir para uma cidade maior, momentos da vida em que ali eles estavam largando essa coisa super alternativa de morar num lugar onde tinham um restaurante, um lugar para receber pessoas e partindo para uma nova etapa, onde teriam uma empresa que se abriria para o mercado e iríamos para uma cidade diferente que era o Rio de Janeiro.

Sempre que viajava com meu pai para fazer essas entregas visitávamos sítios na zona Oeste do Rio. Procurávamos um lugar para morar e também para ser a sede da Ecobras.

Em algum momento visitamos este sítio onde meus pais moram hoje e a frente do sítio é uma área residencial, a parte de trás é um terreno grande onde se instalou a Ecobras.

Na época fechamos um acordo para comprar aquele espaço.

A empreitada de fazer tudo isso dar certo começou ali.

Esse sítio fica em Guaratiba. Toda minha trajetória de alimentação saudável se manteve em Guaratiba, porém, como tivemos acesso a pessoas diferentes, uma outra cultura que na região serrana é mais alternativa, passamos a ter acesso a escolas e amigos diferentes.

Nossa alimentação ali teve muita influência do local, eu já tinha tido dez anos da minha infância em outro ambiente completamente diferente e mais saudável. Lucas se tornou ali completamente da comunidade, tanto que quando ele faleceu vimos o quanto ele fez parte daquele lugar.



"Liderança tem a ver com uma palavra: respeito.

Ela perde sua função quando você impõe algo a outra pessoa."

Ismael Savino

Nossa jornada em Guaratiba então começou, a empresa passou a vender mais, nossa distribuição melhorou, a captação de clientes começou a aumentar muito, o boca a boca começou a crescer, praticamente não tínhamos outro tofu no mercado, a não ser uma empresa que não era orgânica. A Ecobras se tornou pioneira em tofu orgânico. Com a fábrica estruturada, conforme cresci, comecei a me envolver e com apenas 14 anos, colaborando nas entregas como ajudante de motorista. Depois de um tempo, desejando algo mais, fui para a parte administrativa como auxiliar. Passei pela produção de tofu e das pastas e dos hambúrgueres, passei pela expedição também.

Fiquei um tempo no faturamento onde emitia as notas fiscais, grampeava canhoto organizando as rotas para fazer as entregas, me tornei auxiliar administrativo pagando e recebendo, já tinha meus 17 ou 18 anos.

E foi nessa trajetória, passando por diversos setores da empresa que entrei na área comercial. A Ecobras por muito tempo não tinha área comercial, na época em que comecei a trabalhar já iniciei esse processo de forma mais intuitiva durante as entregas que eu fazia. A partir dali, já estávamos falando de prospecção ativa, degustação, visita em loja, etc. Fiquei no comercial até sete anos atrás, por dez anos.

A Ecobras passou a ter alguns certificados de sustentabilidade, instalamos uma central de tratamento de efluentes, e como eu estava no dia a dia acabava conhecendo todo o processo de produção.

Lucas foi quem se especializou nos maquinários, ele cuidava da parte técnica na produção e manutenção. Lucas foi uma perda não só familiar mas para a empresa. Eu me lembro que pensava que tinha tudo para

dar certo, comigo na gestão empresarial e com ele na gestão técnica. Nunca teríamos desavenças internas porque nos complementamos.

São Paulo e o surgimento da Savino

Nem tudo são flores, nossas visões começaram a se diferenciar, principalmente entre eu e meu pai. Minha mãe sempre foi o relacionamento, a comunicação da Ecobras, ela é carioca, da gema, surfava, ela é a cara do Rio, muito comunicativa.

Meu pai estava no dia a dia da gestão e existiu um desgaste natural de relacionamento entre nós.

O desgaste natural do relacionamento de trabalho foi também um gatilho para que eu fizesse o que faço hoje.



Com tamanha experiência que adquiri no comercial da Ecobras, com tantas funções exercidas, tanto procedimento logístico, onde criei mais situações de logística do que de comercial internamente, tinha que aproveitar o momento em que estava. Quando se fala de produto refrigerado ou congelado, sem uma boa logística você não faz uma distribuição deste produto.

Criamos então muitos mecanismos de logística, contato com transportadoras, custos, tabelas, várias situações para fazer o produto chegar em outros estados sempre no melhor preço e na melhor condição.

Eu quis sair da empresa

Como eu era o responsável por contratar as transportadoras e agregados, vi ali uma oportunidade para mim. Me desliguei, abri uma empresa de transporte e comprei um carro refrigerado.

Comecei então a prestar serviço para a Ecobras e outras empresas. Apenas eu e um ajudante, esse foi meu primeiro empreendimento só. O volume de entregas era grande e comprei mais um carro, essa empresa então se desenvolveu. Minha relação com meu pai melhorou muito como prestador de serviço, foi bom para a Ecobras pois ela vinha com dificuldades logísticas de perdas grandes por problemas de refrigeração. Eu conhecia essa dor a fundo, sabia exatamente o que precisava fazer para o frete ser bem feito.

Com esse relacionamento melhorado conversamos sobre outras possibilidades seguindo o raciocínio das dores de uma empresa. A primeira era logística e a segunda, vendas. Apesar da boa distribuição da Ecobras na época, São Paulo vendia menos do que o Rio. Tínhamos os representantes que eu mesmo contratava, mas precisávamos abrir mercado. E não era somente minha vida dentro da Ecobras que estava desgastada, era minha vida no Rio de Janeiro.

Foi quando resolvi vir para São Paulo com minha própria empresa de representação. Aquela busca por estabilidade ainda me consumia. Tinha uma namorada que hoje é a minha esposa. Fiz então um teste vindo para São Paulo em algumas visitas e apenas no teste o faturamento começou a melhorar. Calculamos então como seria viver em São Paulo. Resolvi ao lado da minha esposa, nos mudarmos.

O dia a dia de São Paulo para um representante comercial é difícil, as reuniões que você marcou às 10h, você senta e o responsável comprador te deixa esperando por horas, sai para o almoço dele sem muito se preocupar com sua espera. Tanto que hoje um dos propósitos da Savino é que divulguemos que não seja necessário passar por isso, uma vez que nos propomos a quando sentarmos com o comprador podemos falar de várias empresas ao mesmo tempo otimizando assim o tempo de todos.

 SAVINO

[Home](#) [Sobre](#) [Seja um vendedor](#) [E-commerce](#) [News](#) [Marcas](#) [Contato](#)



ÁREA DO
VENDEDOR



Oportunidade
para você e para o
futuro das novas
gerações

Apostamos no consumo consciente e desenvolvimento sustentável. Conheça nossos valores e junte-se a nós!



Os primeiros seis meses foram os mais difíceis para mim, no sentido de compreender a vida de fato. Eu já não tinha mais dinheiro para pagar o aluguel pois decidimos morar num bairro com alto custo de moradia, foi um aprendizado.

Tive muitas dívidas e tive que dar um basta naquele momento. Nos mudamos então para Vila Sônia, um bairro onde moramos praticamente num quarto.

As dívidas eram difíceis de controlar. E foi ali, num quarto por oito meses difíceis e renovadores que aprendi a trabalhar meu fluxo de caixa, comecei a conhecer sistemas e outras empresas, comecei a contratar sistemas operacionais e financeiros para representantes.

Com o crescimento da empresa investimos hoje em tecnologia própria, recuperei meu caixa, passamos a viver uma vida minimalista, comecei a conhecer sobre essencialismo, naquele quarto tudo mudou. Tinha um sótão no espaço que chamamos de caverna, convenci o proprietário a me ceder aquele espaço para montar meu escritório lá. Fazia representação e entrega, os estoques de chocolate por exemplo foram muito bem feitos neste espaço, com todas as normas de segurança que eu precisava. Tinha ali uma estação de trabalho completa, muito pequena e funcional. Foi preciso inserir refrigeração para guardar os produtos da Ecobras que era a principal marca da minha representação. Além da Ecobras trouxe para São Paulo todas as outras empresas representadas no Rio.

Desenvolvemos o mercado de São Paulo a partir dali e aprendi a viver em comunidade.

Levantei minha vida totalmente. Com apenas um vendedor a mais as vendas começaram a dobrar. Foi então que minha esposa ficou grávida. Decidimos mudar para uma casa só nossa.

Minha capacidade de liderança já estava comigo mas floresceu em São Paulo. Só pude provar na dificuldade, é ali que nós aprendemos, não consigo ver outra forma de ter evoluído sem essas dificuldades.

Muito inspirado em minha mãe entrei no processo da maternidade e da saúde tanto da Juliane quanto do bebê. Ela então iniciou um curso de nutrição na faculdade e estagiou culinária num restaurante. Decidiu por parto normal, mudou a alimentação e estudou muito saúde alimentar.

Como já estávamos num processo minimalista recebemos a nossa bebê de forma muito simples e natural.

Juliane tinha muita insegurança, minha primeira tarefa para resolver isso era que eu tinha que estar presente em todo o processo.

Nos mudamos para São Caetano do Sul, o lugar ideal para nós. Marina então nasceu.

Meses antes dela nascer, aluguei um escritório no Brooklin, equipei o escritório com tudo o necessário para que fosse o centro das operações. Pude então ficar fora da operação para ajudar Juliane. O nascimento da Marina foi incrível e natural. Ela nasceu em meus braços. Cortei o cordão e permaneci com elas.

Segui o que aprendi com meus pais e fizemos nossos dias do nosso jeito, eu e Juliane, como a gente achava que teria que ser sem a ajuda de outras pessoas. Fizemos de tudo nos cuidados com a Marina.

Ser empresário nos traz muita coisa legal.

Cozinhava tudo vegetariano, Juliane diz que nunca mais sentiu o gosto daquela comida, ela disse que nunca comeu uma comida tão gostosa quanto aquela.

Aos poucos comecei a voltar para a empresa que rodava num modelo de representação comum.



Nossos clientes movimentam cerca
de R\$ 4,7 milhões, anualmente.

36

vendedores
cadastrados pelo
Brasil

20

marcas
cadastradas

1.500

clientes
cadastrados

VEJA O MUNDO DE UM LUGAR MAIS ALTO

UMA QUESTÃO DE PERSPECTIVA

O BUSINESS DA PLATAFORMA SAVINO

Tínhamos um modelo, no início, onde cobramos um valor fixo para custear as prospecções independente se teríamos venda ou não.

Tínhamos estrutura para armazenagem refrigerada e de congelados e isso nos gerava um custo fixo.

Aluguei um novo salão para expandir as entregas adquirindo um refrigerador industrial. Já tínhamos ali virado aquele escritório que representa, fatura e entrega. Contratava os carros agregados necessários.

Foi assim que descobri que a logística quando se assume essa parte física é extremamente difícil, requer volume entre outras frentes.

Um ajuste de rota

Como pai da Marina mudei muito, aprendi muito e considerei novas circunstâncias. Minha mente se abriu um pouco mais.

Enxerguei meu negócio de uma outra forma. A primeira coisa foi concluir que precisava ganhar mais, otimizar e maximizar isso aqui. No modelo de representações da época começamos a ter algumas reclamações do tipo que pagavam o fixo mas não tinham as vendas e essas vendas não vinham por vários motivos, não por culpa nossa propriamente. E eu não queria lidar com a frustração do cliente. Foi quando consegui visualizar algumas coisas.

Primeiro, aquele custo fixo do escritório estava alto e com os clientes questionando ficou inviável manter.

Deveria a partir dali depender apenas de comissão.

A relação passaria a ser ganha-ganha.

E foi ali que veio o primeiro passo para a plataforma Savino.

Nos enxergamos como plataforma independente de ter tecnologia, naquele momento.

A Savino deixou de ser uma representação comum para ser uma plataforma com o propósito de agregar várias indústrias, entretanto sem cobrar valor fixo de ninguém.

Funciona da seguinte forma: colocamos o produto no mercado, a indústria recebe pela venda e nos repassa a comissão. Esse foi o primeiro ponto. As reclamações acabaram.

Exclusividade com cliente também se encerrou ali. O cliente somente será nosso se merecermos. E se o cliente quiser estar conosco.

Nosso desafio principal é tornar o ambiente mais agradável, mais otimizado e mais vantajoso para o cliente. Quero que ele queira estar ali, esse é o nosso objetivo.

Mantemos o nosso departamento administrativo e desligamos nossos representantes que estavam sob o regime de CLT.

Eles criaram suas próprias empresas e passaram a ser prestadores de serviços sem exclusividade, sob demanda.

Nosso vendedor que mais fatura, foi meu primeiro vendedor. Ele fatura quase três vezes mais hoje apenas com a Savino. Certamente presta serviços para outras empresas. Ele virou um empresário com nosso suporte.

A Savino já tem histórico e credibilidade para a marca estar ali conosco.

Com esse sistema o vendedor com ou sem experiência se agrega a Savino, ele será certificado, treinado e qualificado por nós.

Alguns meses atrás recebemos um vendedor de Manaus, experiente. Na mesma semana ele foi classificado e na seguinte começou a tirar seus pedidos pois as vendas são latentes na plataforma, dinâmicas. Elas estão no ar.

O que é preciso é de um agente para pegar o que está no ar e conectar.

É como duas tomadas desconectadas. Você apenas as conecta e tudo passa a funcionar.

Nossa operação é 100% comissionada, nosso contato é direto com a indústria.

A Savino não gerencia pagamentos, cobranças e faturamentos. Ela é uma plataforma para gerar intenções de compra.

Nós só trabalhamos com preços direto da indústria, sem acréscimos. Porque a proposta é trocar o custo que a indústria tem para atender o cliente pelo nosso atendimento que, ao ser revertido na venda, é comissionado.

Atendemos os clientes que chegam pela nossa plataforma.

A empresa lojista entra em nossa plataforma monta os mesmos orçamentos de costume e pelo mesmo preço com atendimento centralizado profissional e cada pedido é tratado diretamente com a indústria. Uma condição 100% personalizada.

O pré requisito para estar conosco é ser uma empresa idônea, que respeite o meio ambiente e tenha boas práticas.

Temos uma curadoria para aprovação, mas o cadastro é aberto online para todas as empresas.



Sou a prova viva da transformação do meu corpo quando como mal e quando como bem. Todo mundo passa pelo mesmo processo, biologicamente essa é a regra do jogo, somos feitos do que nós comemos. O que entra em nosso corpo pode ser veneno para você ou pode nutrir seu corpo.

O consumidor está mais consciente na relação com o próprio corpo. As pessoas se entendem mais obesas, mais doentes e com a aparência danificada.

O que estamos vivendo é um ciclo do universo, chegaremos a um momento de alimentação extremamente saudável. A opção de você mais do que consumir, produzir uma horta em casa já é um avanço. Produzir orgânicos traz benefícios para todos, para o mundo inteiro.

O governo passa a gastar menos. O que você ganha de saúde é imenso.

O produto orgânico não lhe deixa doente e não traz problemas para o planeta, portanto ele não é caro.

A comunidade dos orgânicos está cada vez maior e só acha que é pequeno quem está fora. É emocionante.

Durante a entrevista Ismael é tomado por profunda emoção ao mencionar o nome do irmão, pedi então a ele que finalizássemos essa matéria com uma mensagem pela vida que viveu Lucas.

A seguir o relato de Ismael.

"Ao Lucas,

Somos três irmãos, Matheus, Ismael e Lucas.

A chegada do Lucas, para mim foi muito especial porque participei de tudo.

Tenho muitas memórias de Nova Friburgo. Quando fomos para o Rio tivemos uma relação maior de disputa, Lucas era de poucas palavras mas muito ativo.

Me lembro de quando ele faltava a escola e ia para um terreno atrás do sítio, ficava lá perdendo aula.

Nos reaproximamos na juventude. Eu e Lucas nunca fomos melhores amigos, guardávamos uma admiração mútua.

Lucas tinha uma inteligência de chão de fábrica incrível. Quando compramos a máquina de tofu tinha que ir até o Japão, eu não podia contribuir, o Lucas foi.

Depois ele foi para Inglaterra estudar. Se enraizou muito onde morávamos numa comunidade simples em Guaratiba.

Lucas estava numa fase de domínio da produção e se tornou indispensável.

No ano passado quando ele faleceu foi muito difícil me despedir dele porque estávamos entrando num momento de maturidade onde nos aproximávamos muito.



A imagem de Lucas tatuada no corpo de Ismael, para sempre.

Ele agora era tio da minha filha, ele estava num bom relacionamento amoroso, tinha os problemas pessoais dele que lidava como todos nós.

Depois de adulto ele descobriu que nasceu com apenas um rim e passou a ter que tratar a situação. É uma pena que ele não esteja aqui. E isso é a vida. Todos queremos morrer velhos mas nem isso sabemos direito se assim será.

A vida é maravilhosa e cada um de nós tem que viver do jeito que quiser, mas você entende que não existe uma solução para a vida, para a estabilidade. Nunca nem sonhamos que isso pudesse acontecer conosco. Senti a maior tristeza da minha vida quando Lucas partiu. Minha vida com ele foi honesta.

Tínhamos muito respeito um pelo outro. E havia uma projeção traçada para que ele fosse o cara da produção e eu o cara dos negócios, finalizar um assunto desse é muito difícil.

Lucas sempre foi líder de si, dono do próprio nariz, muito questionador. Logo cedo já queria ter o espaço dele, ele era líder de seu mundo. Faleceu com 28 anos. Muito ativo como chefe da produção na Ecobras, ele liderava ali e todos reconheciam essa liderança.

O que fica é a mensagem...

Relaxe um pouco, curta a vida na simplicidade de lavar uma louça cantando, se machucar e continuar alegre.

Não importa o que aconteça em sua vida que a princípio seja o fim do mundo, você está vivo, com o privilégio da vida em suas mãos.

Se você lembrar que alimentação é o seu principal combustível, comece aos poucos a abrir o leque da sua alimentação. Substitua aumentando o leque de possibilidades alimentares saudáveis. Se permita. Se arrisque."

A BELA VIDA DE AGRICULTOR DO

Mauri

"NÓS SOMOS GUARDIÕES DE SEMENTES"

PELO PRÓPRIO MAURI JOAQUIM COM KÁTIA BAGNARELLI, EXCLUSIVO PARA EDITORIAL ONEWS



"Nós somos guardiões de sementes, tudo começa numa semente boa.

Fui criado entre Embu Guaçu e Parelheiros, meus avós trabalhavam na roça. Não sou muito mais jovem, já estamos há 12 anos no movimento orgânico dentro de São Paulo.

NA VERDADE ÉRAMOS ORGÂNICOS COM OS AVÓS E NÃO SABÍAMOS.

Comíamos tudo do quintal sem agrotóxicos.

Com a necessidade que chegou foi preciso que eu trabalhasse com outras pessoas e foi então que conheci a agricultura convencional à base de muito veneno.

Não sei como não morremos naquela época porque passávamos mangueiras e mais mangueiras de agrotóxicos sem proteção, enquanto o técnico que levava o veneno estava todo mascarado, protegido.

Não sabíamos nem qual era o risco que corríamos.

De 1997 para 1998 tivemos uma crise muito grande na agricultura, recebi um convite para trabalhar na cidade e fui. Fiquei cinco anos na cidade.

No auge da carreira na empresa onde eu trabalhava, uma voz interior me falou para voltar pra roça.

Pensei que sofri tanto na roça, como poderia voltar? E a voz continuou, agora você vai voltar de uma maneira diferente, você conseguiu um dinheiro na cidade.

Pensei, pois bem, agora é meu momento!

Disse ao meu chefe na época que eu queria voltar para o campo. Ele interrogou que como estava crescendo na empresa não compreendia porque eu queria voltar para a roça.

Expliquei que queria voltar a ser feliz, pois na roça comia bem e na cidade precisava levar marmita ou comer um alimento ruim sem gosto.

Na roça me lembrava de comer um pé de alface e comer na hora, cortar um repolho, uma couve, uma comida boa.

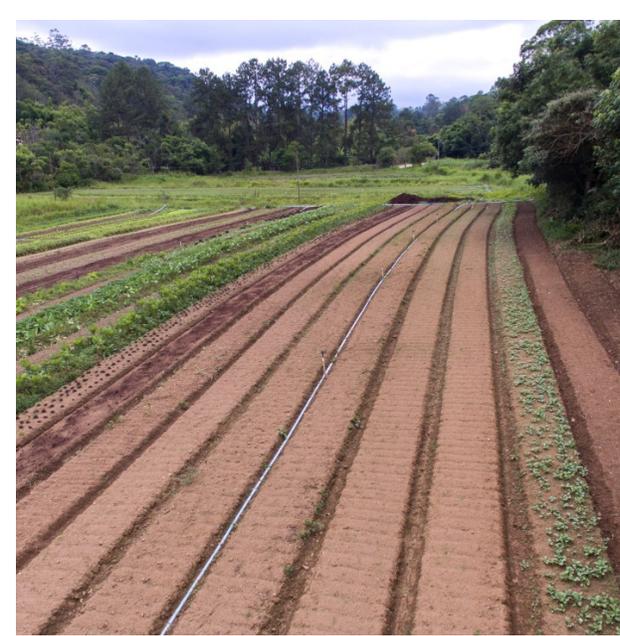
Vivia muito bem, só não tinha dinheiro e agora eu estava com dinheiro e decidido a voltar para o campo.

Quando cheguei no campo ainda não era nada do que eu pensei encontrar.

Concluí que tinha que plantar orgânico, pois não tinha mais dinheiro para comprar adubo e nem veneno, mas ninguém conhecia nada de orgânicos. Você perguntava para um ou para outro e diziam que aqui não tinha como plantar.

Um dia entrei na subprefeitura, onde os agrônomos trabalham, e tinha uma turma reunida, me apresentei e disse que queria plantar horta orgânica.

Eles até se assustaram pois naquele momento uma ONG chamada Cinco Elementos estava discutindo um projeto que iriam começar dentro de Parelheiros envolvendo a agricultura. Deixei meu telefone e eles me retornaram.





E eu comecei a viver de novo.

Foi ali que tudo começou, 2007.
De 2007 para 2008.
Conheci todos os produtores e ganhamos um grande grupo.

Zundi acabava de chegar do Japão para plantar banana. Todos estavam bem animados.
E eu comecei a viver de novo.
Montamos um grupo e formamos uma Cooperativa.
Conheci o Zundi melhor, que se tornou um exemplo para gente, e seguimos sempre o exemplo das pessoas mais velhas mas que tem experiência.
Escolhemos fazer crescer a produção orgânica e de alimentos saudáveis, proteger as nascentes, proteger as águas. Damos andamento nesse trabalho com muitas dificuldades ainda mas o movimento orgânico vem aumentando e nós conseguimos provar que é possível produzir orgânico dentro de São Paulo.

Nós somos exemplos e queremos contribuir com outros, mas ainda nos falta apoio para ajudar a todos um pouco mais.
Naquela época montamos um time, mas não tínhamos onde vender. Ninguém acreditava na gente.
Tinha dias que eu chegava no sítio do Zundi e ele estava fazendo composto de banana porque não conseguia vender. Me doía o coração.

Eu, andando com minhas sacolinhas de verduras ali no grupo, tentando vender.

O que conseguimos vender dividimos o dinheiro um pouquinho para cada. Continuamos, até que um agrônomo da igreja messiânica se aproximou e disse que iria nos ajudar, conferindo toda a nossa mercadoria, o processo de plantio, nos levando esterco e nos ensinando o que nos faltava.
Começamos a vender então para a cozinha da igreja messiânica, até que aprendemos sobre a certificação.

Foi com o auxílio da Estância Demétria de Botucatu que nós conseguimos.

Foi a Associação de Biodinâmica que certificou nosso grupo em 2011. A partir dali as portas se abriram para nós, Zundi foi o primeiro a vender no Parque da Água Branca em São Paulo. E só pudemos entrar lá porque tivemos apoio e certificamos.
Tínhamos feito uma visita por lá antes da certificação, e o pessoal dizia que para entrar lá demorava de quatro a cinco anos, ficamos muito tristes. Só queríamos um espaço de direito nosso para vender nosso alimento. Acredito que o agricultor que está na terra tem que ter o direito de levar seu produto até a cidade.



Nós é que fazemos as nossas mudas, estamos plantando a couve flor, brócolis, maxixe. Tudo o que nós conseguimos produzir não precisamos comprar. O nosso dinheiro de investimento é pouco e quanto mais pouparmos melhor. Temos trocas de sementes entre produtores do grupo. E elas, as mudas, vão produzir super bem porque elas gostam do lugar onde estão. Quando você faz a sua própria muda você já sabe a procedência do seu substrato, sua semente. Você tem que começar desde uma base de solo para que você tenha um ciclo fechado de garantia que tudo o que você faz é um processo o mais natural possível. É algo muito mais familiar e artesanal realmente. Além de economizarmos, o sabor é outro e as proteínas riquíssimas, com maior potencial. Entre 70% e 80% são sementes nossas, o restante compramos.

E então crescemos e precisávamos de mais feiras. Fomos então para uma feira no Burle Marx, na sequência inauguramos a feira do Ibirapuera, depois os shoppings com suas feiras internas como o Center Norte que nos apoia muito.

A BIODINÂMICA

A biodinâmica vem crescendo porque o respeito com a natureza é fundamental. Se você quer produzir orgânico primeiramente precisa respeitar a natureza e o solo.

A biodinâmica explica isso para nós.

Como fazemos as feiras de São Paulo temos que ter aqui uma certa variedade.

Temperos como salsa, coentro, cebolinha, nirá, hortelã, manjericão. Folhas como couve e alface, beterraba, espinafre, entre outros, respeitando sempre a época.

Entrando outono e inverno trocamos as culturas.

Quando chega o verão é a mesma coisa. Ainda estamos colhendo quiabo, berinjela, jiló.



O NOSSO BERÇÁRIO

AS MUDAS SÃO OS NOSSOS BEBÊS

São os nossos bebês, o nosso berçário, todo cuidado é necessário para levá-las para o campo. É igual criança, elas estão tão preparadas que irão aguentar chuva e sol, as intempéries da vida, que é o normal.

Quando elas se formarem para nos alimentar, elas estarão bem.

Quando elas chegam na realidade delas que é o campo chega o momento delas se formarem.

O agrião por exemplo a partir de 20 dias da muda que esteve na estufa, ao chegar no campo, já será um adulto para que nós possamos comercializá-lo. Nós respeitamos o tempo de crescimento delas mas temos que ter uma sequência. Os clientes compram semanalmente de nós, seja na feira ou no restaurante, precisamos produzir semanalmente. Essa é a sequência de muda, até a colheita.

O mais difícil é explicar isso para os consumidores. Cada vez mais eles sabem que o tempo é quem manda e não a gente. Como se diz, tem o tempo de Deus e tem o tempo das plantas. Não é o que eu quero e sim como elas vão reagir.

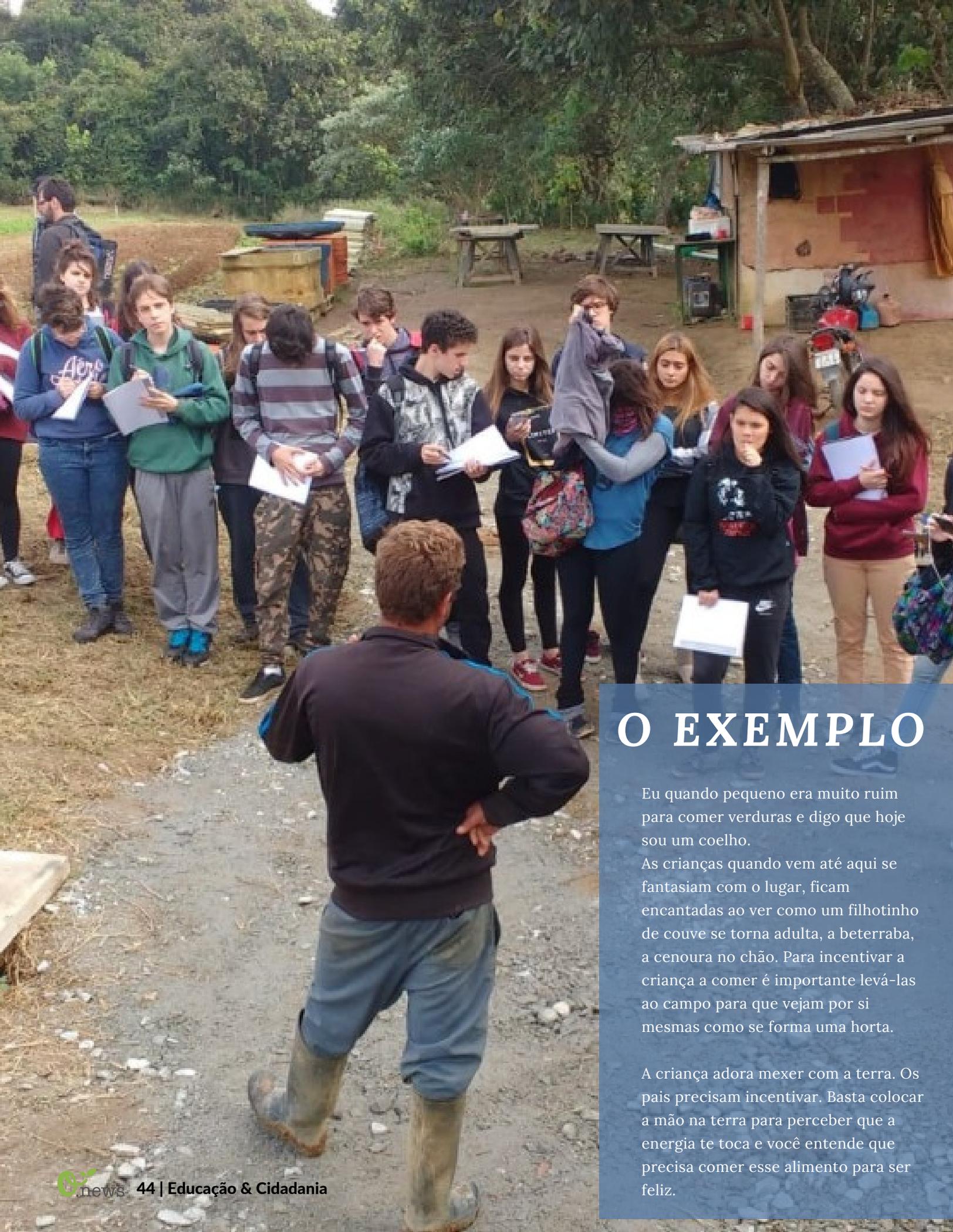
Não posso forçar o crescimento delas, tenho que deixá-las se formarem naturalmente.

É aí que elas vão ter o sabor e as proteínas que nosso organismo precisa.

Nós às vezes não conhecemos a riqueza que tem o alimento natural.

A planta produz e segue se reproduzindo sempre, de graça, no retribuir o cuidado que temos com ela também.





O EXEMPLO

Eu quando pequeno era muito ruim para comer verduras e digo que hoje sou um coelho.

As crianças quando vem até aqui se fantasiam com o lugar, ficam encantadas ao ver como um filhotinho de couve se torna adulta, a beterraba, a cenoura no chão. Para incentivar a criança a comer é importante levá-las ao campo para que vejam por si mesmas como se forma uma horta.

A criança adora mexer com a terra. Os pais precisam incentivar. Basta colocar a mão na terra para perceber que a energia te toca e você entende que precisa comer esse alimento para ser feliz.

a certificação

A certificação é fundamental para o consumidor e é uma garantia realmente de que somos certificados por órgãos públicos, agrônomos, Cooperativas, Ministério Público e MAPA onde temos registro.

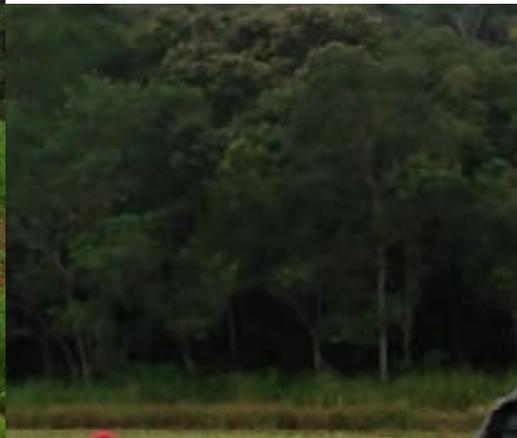
Nossa certificação é a SPG (Sistemas Participativos de Garantia), é um tipo de certificação participativa onde os produtores devem estar organizados em grupos, e eles mesmos devem ser responsáveis pela avaliação da conformidade orgânica do seu grupo. Para isso o SPG deve estar credenciado no MAPA.

Nosso grupo está presente no Brasil todo, praticamente.



Procuramos trabalhar em família e ajudamos muitas outras pessoas.

Nós não escondemos nada, aqui tudo é aberto, ensinamos a quem quiser aprender. Estamos sempre aprendendo, mas temos muito conhecimento e estamos dispostos a transferir.





*Precisamos ter respeito com o tempo e a natureza.
O que destrói muitos planos naturais essenciais
é a ganância humana.*

AS PANCS

Plantas alimentícias não convencionais

A proteína que tem um alimento super potencializado e espontâneo, substitui a carne animal. Você consegue se nutrir só de vegetais, legumes, frutas e grãos, mas faltam informações para a população.

O pó de café usado é algo super interessante pra gente. Recebemos esse material como resíduo da indústria e eu pergunto, o que fariam com isso se nós não usássemos aqui?

Imagine a quantidade de resíduo do pó de café jogado em algum canto ou no rio.

Nós temos uma parceria com a empresa que nos fornece esse resíduo e nós fornecemos cestas de alimentos para eles.

Se todas as empresas tivessem essa consciência, do que é cuidar do seu próprio lixo e ainda retribuir para a terra que te entrega comida de volta... Olha o passo que o mundo estaria dando apenas com o lixo.

Empresas sérias pensam nisso, não somente em ganhar o dinheiro.

Precisamos ter respeito com o tempo e a natureza. O que destrói muitos planos naturais essenciais é a ganância humana.

Não existe uma boa agricultura sem a harmonia. Plantar numa terra em que haja briga com a natureza não gera frutos.

Outra coisa importante é que para se produzir orgânicos, a base de tudo é o solo, o tempo, e a água. O nosso grupo teve como primeira preocupação preservar a represa Billings e a Guarapiranga que já se encontravam num grau de poluição e falta de água muito severos. Nosso grupo protege ambas. Cuidamos de toda água que vai para a cidade de São Paulo. Temos regras como limite no campo. O fato de não utilizarmos química no campo é o grande benefício, não desmatamos nada, pelo contrário, nós reflorestamos. Creio que, se a população pedir, nosso grupo de orgânicos irá crescer. É um orgulho, nosso grande prêmio é a gratidão do consumidor. Eu até me emociono porque de tudo o que nos falaram lá atrás, foi uma luta até aqui, tendo sempre que provar o que estamos falando e fazendo. Vale a pena.

Sou um pé de barro...

E tenho muito orgulho. A partir do momento que você se alimenta das coisas certas e protege tudo o que está ao seu redor, esse cuidado com quem vai comer, respeitando tudo, cuidando da terra e mantendo o cuidado com as pessoas que querem se alimentar de orgânicos, cada segundo é gratificante.



Muita fé em Deus primeiramente pois precisamos de luz em nosso coração sempre, acreditar em nossos esforços, nas pessoas que estão próximas a nós, que ainda há jeito de mudar muita coisa para o bem, no alimento e na vida, sendo mais úteis para o mundo."

"O ser humano precisa se respeitar.

O respeito e a amizade que vemos aqui são maravilhosos.

A união e a força que não nos deixa desistir jamais.

Esse respeito nos fortalece para seguirmos.

Eles, os agricultores, se sentem médicos porque a população vem buscar os alimentos para se curar. Eles são doutores. E a população vai se curando e combatendo o necessário só com a alimentação.

Vocês precisam saber que vocês são as pessoas que não deixam a gente desistir, é por causa de vocês que a gente continua."

Elisângela, esposa de Mauri



" A minha alegria é acordar de manhã e vir para a horta. Eu amo a horta. é daqui que eu tiro meu sustento, moro pertinho, não preciso pegar ônibus nem ir para a cidade que é muito ruim. Venho trabalhar a pé e às vezes de bicicleta, a minha alegria é estar na horta. Amo de verdade.

Comecei com Mauri a plantar orgânico, não conhecia antes, a diferença é muito grande. Quem tem filhos precisa incentivá-los a comer verduras orgânicas.

Nós comemos mal tempos atrás e agora nós temos que nos cuidar limpando nosso organismo e cuidando da alimentação dos filhos porque eles são o futuro do Brasil.

O que mais gosto é de mexer na terra, aquele amanhecer maravilhoso.

Aquele sol lindo, pego a semente, faço a muda, planto, cuido, um dia jogo adubo, molho, faço a capina, é muito satisfatório.

Temos que tentar viver melhor com fé que tudo dará certo.

Pensamos no bem da gente e dos outros, o alimento é o melhor futuro."

Lila, agricultora orgânica ao lado de Mauri



ZUNDI

Murakami

" Para falar a verdade vim para o campo por necessidade.

Eu fui criado na agricultura convencional desde pequeno com meu pai, e no começo plantamos batata inglesa. Era igual loteria, se acertar fica rico, se não acertar falta tudo.

Tive vários problemas e fiquei endividado plantando batata. Fui obrigado a ir para o Japão trabalhar como peão e consegui lá algum dinheiro pela moeda ser forte, comparando com o nosso real.

Com isso consegui regularizar minha situação e fui incentivado a produzir orgânicos graças aos amigos.

Plantar biodinâmico não é fácil, é preciso gostar do que se faz. Insistente e dedicado para conseguir. Meu forte é banana. Antigamente, há uns trinta anos todo ano geava, essa região não era própria para banana.

Os veteranos me chamavam de louco, mas de alguns anos para cá não temos geadas por causa do aquecimento global. E por isso o louco, não era tão louco assim.

Parelheiros tem um clima mais frio do que o litoral, aqui a colheita é mais demorada, entretanto ela fica mais doce.

Quero agradecer meu pai e minha família por terem vindo para o Brasil, terem escolhido o país certo.

Temos que ser orgulhosos de sermos brasileiros, não há um país melhor do que aqui, com liberdade e com oportunidade de crescimento.

O Brasil é muito grande e tem muito lugar para produzir como um cidadão útil para a sociedade.

É o que digo aos jovens, que tenham vontade e porem de lamentar, vão para o campo dignamente plantar orgânicos. Vão contribuir para a Nação."





Marcio Camargo

e a revolução no
futuro do agro
brasileiro

Tecnologia com inovação para a produção de bio soluções, a importância do químico no agro saudável e mais produtivo

Parte das megatendências de futuro do agro elencadas pela EMBRAPA, a bioindústria MGM Agromais sediada no município de Sumaré no interior de São Paulo, vem atuando tecnicamente ao lado do produtor brasileiro como solução para os desafios do campo e aumento significativo da produtividade nacional.

Ancorando pessoalmente esta revolução com tecnologia e inovação está o químico Marcio Camargo. De fala serena, em tom apaixonado pela própria invenção, Marcio é um profissional que através de sua simplicidade e competência vem agregando e conquistando a todos por onde passa oferecendo seu Legado Agrícola.

megatendência de futuro do agro

um legado de saúde para a agricultura brasileira

A MGM Agromais é uma empresa brasileira voltada à atuação de desenvolvimento de produtos orgânicos para contribuição da agricultura sustentável.

O principal lançamento da bioindústria é o biobotânico Nutriterge, que contém 18 moléculas naturais que atuam na fisiologia da planta contribuindo

com aumento de produtividade, equilibrando fitohormônios e através dos seus exsudados protegendo os cultivares de ataques de nematóides. Metabolizado pela planta contribui para absorção dos minerais que estão na solução do solo, a emissão eletroquímica dos exsudados liberam gradualmente minerais retidos nesse solo.





com a palavra, o inventor

"Meu nome é Marcio Camargo, trabalho na área química da empresa. Venho do ramo de petróleo e gás, mas a agricultura sempre me chamou a atenção pelo seu crescimento acelerado. Como pesquisador sigo fazendo meus trabalhos relacionados à agricultura.

E foi na botânica que eu observei uma planta típica da região do Ceará. Estava no estado com minha esposa que é cearense quando do primeiro contato com a planta.

Peguei-a num dia e passei na pele fazendo carinho nos pés da minha esposa.

Ao fazer isso notei que havia uma substância que proporcionava um relaxamento.

Fiquei curioso e comecei a estudar a planta.

Compreendi o que ela poderia oferecer em princípios ativos, iniciei então os trabalhos no Ceará. Explorei todos os procedimentos possíveis a partir dela e iniciei aplicações aleatórias, observando em cada aplicação alguns diferenciais. Promovi então um composto de plantas somada a ela e nessa junção começamos a ter alguns resultados imediatos.

Logo depois deste início de experimentos fui para o estado de Goiás iniciar um serviço, e lá conheci meu sócio na MGM, Stênio.

Nos unimos e os experimentos duraram um ano.

Fazíamos e encaminhávamos para São Paulo para concretizarmos as análises em laboratório apropriado.

Pós análises eu seguia fazendo os ajustes laboratoriais até chegar numa determinada concentração que pudesse ser utilizada com segurança e efetividade.

Fui para Petrolina atuar um pouco mais no ramo petroquímico.

A cidade é um polo agrícola de produção de frutas onde pude testar meus experimentos com tranquilidade.

No início tudo foi muito artesanal.

Havia produtores naquela região com dificuldades por causa de nematóides, chegando ao ponto de perder a roça toda.

Um amigo em comum me convidou para testar o produto nesse caso. Aplicamos na lavoura e voltamos após quinze dias recebendo a notícia de que o produto havia funcionado.

A partir de então direcionamos nossa atuação para a resposta mais eficaz do produto que passou a se chamar *Nutriterge*.

Oficializamos então a produção industrializada do *Nutriterge* com sede em Sumaré no estado de São Paulo.

Nutriterge é um produto muito técnico, suas aplicações são técnicas.

Viajo de estado em estado atendendo nossos clientes com consultoria técnica.

Nutriterge abrange muitas funcionalidades e com elas ele gera maior produtividade.

É um produto que trabalha a biótica de solo, raiz da planta, parte morfológica e fisiológica da planta. E essa somatória é o que proporciona fitossanidade e o aumento da produtividade. A assessoria técnica é muito importante para o manejo.

O produtor sofreu muitos anos no Brasil com promessas e nós não fazemos promessas, entregamos uma assistência técnica personalizada com análise de solo, de folhas e grãos para termos antes do manejo o mapeamento completo ao lado do produtor.

A soja vai sair com uma qualidade melhor, com mais proteína, o milho virá com mais amido, e lá na frente na industrialização desses insumos acabamos tendo um custo menor.

Cada estado tem uma particularidade, nós temos performance em todos. Atuamos sempre ao lado dos produtores, técnicos e agrônomos.

No estado de São Paulo temos atuação na região produtora de amendoim, cana de açúcar, no Cinturão Verde com folhosas, estamos na região de Itapeva onde temos plantio de grãos,

atuamos na região de Marília também com grãos, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto com cana, batatais com café orgânico, por exemplo.

Temos uma parceria com a UFMG e isso nos ajuda em relação às análises.

No início focamos na agricultura orgânica e na parte de produção de folhas de ciclos curtos convencionais, mas com os testes da Universidade percebemos juntos que *Nutriterge* atua fortemente também na agricultura convencional com um benefício enorme por ser orgânico certificado.

Adaptamos as dosagens e desde lá construímos relacionamento com os produtores de grãos em todo o país. Levamos duas safras para definir o manejo ideal para a agricultura convencional.

a certificação IBD

Sempre tivemos a ideia de criar algo diferente.

E para criar algo diferente não poderia fazer um nitrogênio líquido ou um fósforo líquido, isso é coisa simples que já temos no mercado.

Como toda a nossa matéria prima é orgânica, e nós sempre focamos inicialmente na agricultura orgânica, surgiu então a decisão de certificar o bioestimulante químico como orgânico pela IBD.



"Não é um milagre,
é um produto que veio para somar na agricultura sustentável e
que é um benefício a mais para o produtor a fim de que
aproveite melhor o seu espaço produtivo." Marcio Camargo

NÓS SOMOS O QUE COMEMOS

O que sempre falo é que nós somos o que comemos, se temos um alimento saudável estaremos nos auto protegendo sem insumos químicos.

Precisamos ter um investimento maior em pesquisa para que esses alimentos possam chegar de forma mais saudável à mesa do brasileiro."



Stênio e Glauce, diretores da MGM

"Falamos em produtividade, vamos falar por exemplo da soja: falamos que conseguimos de cinco a dez sacas a mais de soja por hectare dependendo da região.

Isso significa que representa um acréscimo de dez a quinze por cento na produção geral de grãos, se conseguirem um outro produto que faça isso, me avisem. Nutriterge faz.

Gostaríamos de dizer isso à ministra da agricultura, como conseguimos conquistar um aumento tão grande de produtividade investindo tão pouco.

Esse é o nosso papel, somos pequenos crescendo rápido.

Deixamos este legado para o futuro do Brasil."

Stênio Costa, sócio proprietário da MGM Agromais



O jornalismo brasileiro
por um país mais

orgânico

e biodinâmico



www.onews.com.br